



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO APLICADA

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

“LUÍS DE CAMÕES”

INTERFERÊNCIA DA TECNOLOGIA NO

CONTEXTO FAMILIAR

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Aplicada

Autora: Maria José Brilhante Rosa

Orientadora: Professora Doutora Ioli Campos

Número da candidata: 20150458

Abril de 2022

Lisboa

Dedicatória

Dedico a tese de mestrado aos meus pais que são a base, que acolhem, que sentem e sentiram todo este percurso, além de que sempre deram o melhor de si para que os filhos tivessem a oportunidade de estudar e de fazerem o que gostam. Dedico ainda à minha avó Conceição que teve a oportunidade de estar presente fisicamente apenas nos três anos de licenciatura mas que certamente ficaria orgulhosa de todo o percurso até aqui.

Agradecimentos

Agradeço, em especial, à professora Ioli Campos pela disponibilidade, paciência, simpatia e prontidão com que sempre me auxiliou nos momentos em que suscitavam dúvidas. Pelo rigor, competência, críticas, sugestões que tornaram este trabalho possível. Obrigado!

Obrigado aos meus pais pela oportunidade que me proporcionaram de realizar uma licenciatura e logo após um mestrado. Pelo carinho, amizade, apoio, compreensão, por nunca me deixarem desistir e por me fazerem acreditar que sou capaz de tudo.

Um grande agradecimento a cada professor e a cada colega de turma que fez parte deste percurso acadêmico! Foram cinco anos intensos, de muita aprendizagem e troca.

A todos um muito obrigado, pelo contributo que deram à minha formação. Cada um de vós teve parte importante na realização deste trabalho e parte importante também na pessoa que sou hoje.

Resumo

Vivemos numa sociedade cada vez mais tecnológica, onde jovens com idades entre quinze e vinte e quatro anos são caracterizados por uma frequente utilização dos média digitais dentro e fora do contexto familiar, além de uma maior participação na vida social através das redes sociais. Este estudo analisa as interferências da tecnologia nomeadamente, dos média digitais com foco especial nas redes sociais no contexto familiar com a finalidade de compreender como é que a utilização excessiva da tecnologia, dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, afeta a sociabilidade entre pais e filhos e compreender de que forma a relação dos jovens com as mesmas, cria uma hierarquia entre filhos e pais e não o contrário. Na investigação foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a quinze jovens com idades entre os quinze e vinte e quatro anos que ainda vivem com os seus pais e foram criados grupos de foco entre os mesmos e os seus pais. A amostragem utilizada foi a de snowballing, a amostra tem por base as idades dos jovens que participaram no estudo e o método é o da análise de conteúdo por comparação constante de dimensões de análise com a finalidade de observar possíveis semelhanças ou diferenças que são repetidas pelos participantes, tanto nas entrevistas quanto nos grupos de discussão. Verifica-se com o estudo em questão que além da utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais por parte dos jovens no contexto familiar afetar a sociabilidade dos próprios com os seus pais, existe uma falta de compreensão associada à utilização das mesmas tanto por parte dos jovens como dos seus pais, o que também afeta a sociabilidade entre os mesmos. Relativamente à hierarquia, existe de facto a presença da mesma entre filhos e pais e não o contrário na medida em que ambos apresentam relações distintas com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais.

Palavras-Chave: Tecnologia, Média Digitais, Redes Sociais, Jovens, Família.

Abstract

We live in an increasingly technological society, where young people aged between fifteen and twenty-four are characterized by a frequent use of digital media inside and outside the family context, in addition to a greater participation in social life through social networks. This study analyzes the interference of technology, namely, digital media, with a special focus on social networks in family context, in order to understand how the excessive use of technology, digital media, namely, social networks, affects sociability between parents and children. Children and understand how the relationships of young people with them creates a hierarchy between children and parents and not the other way around. In the investigation, semi-structured interviews were carried out with fifteen young people aged between fifteen and twenty-four who still live with their parents and focus groups were created between them and their parents. The sampling used was snowballing, the sample is based on the ages of the young people who participated in the study and the method is content analysis by constant comparison of analysis dimensions in order to observe possible similarities or differences that are repeated by the participants. Participants, both in the interviews and in the discussion groups. It appears from the study in question that in addition to the excessive use of digital media, namely, social networks by young people in the family context, affecting their sociability with their parents, there is a lack of understanding associated with their use both by young people as well as their parents, which also affects sociability between them. Regarding the hierarchy, there is in fact the presence of it between children and parents and not the opposite insofar as both have different relationships with digital media, namely with social networks.

Key Words: Technology, Digital Media, Social Networks, Young, Family.

Índice

Dedicatória.....	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Introdução	8
1. Enquadramento Teórico	11
1.1 Utilização da Tecnologia por parte dos Jovens	11
1.2 Compreender as questões entre Imigrantes e Nativos Digitais	16
1.3 Compreender as Relações Sociais Reais e Virtuais	20
1.4 Compreender a Hierarquia entre filhos e pais	23
1.5 Compreender as falhas na Comunicação entre Pais e Filhos	26
1.6 Mediação Parental	29
2. Processo Metodológico.....	33
3. Resultados.....	38
3.1 Entrevistas	38
3.2 Grupos de Foco.....	43
4. Discussão / Conclusão	46
Referências Bibliográficas.....	55
Anexos	64
Anexo A	64
Anexo B	65

Introdução

O uso excessivo de tecnologia nomeadamente, dos média digitais, no contexto familiar trouxe alguns desafios nas relações entre pais e filhos. Esses desafios passam pelas diferenças que existem entre as gerações relativamente ao tempo histórico e social e também pelos comportamentos distintos em relação à utilização da tecnologia, neste caso dos média digitais, por parte de ambos (Mannheim, 1961). A tecnologia nomeadamente, os média digitais, já são uma representação da nossa sociedade por serem constantemente utilizados por todos os cidadãos principalmente os jovens (Levy, 1999; Moraes & Lacerda, 2000; Silva & Pereira, 2009, p.3).

No momento em que falamos de tecnologia, falamos dos médias digitais e consequentemente das redes sociais e da sua utilização excessiva por parte dos jovens, tendo em conta as suas oportunidades e riscos. Segundo Castells (1999, p. 21), não podemos deixar de observar que a tecnologia, no caso dos média digitais, trouxeram oportunidades na medida em que ajudaram os jovens relativamente à busca e acesso à informação, mas que no entanto, trouxeram também os seus riscos relativamente aos jovens não saberem seleccionar a informação, o que acaba por ser um fator preocupante. Além da questão da informação, a utilização excessiva dos média digitais, principalmente das redes sociais, acaba por afetar esses mesmos jovens de forma social e afetiva (Daniel, 2003, p. 54).

O progresso tecnológico além de ter facilitado a busca e o acesso à informação, também trouxe outras oportunidades nomeadamente, a facilidade de acesso à Internet, seja por telemóveis de alta tecnologia ou por computadores portáteis. Estes dois suportes eletrónicos são um dos tantos que existem e que permitem qualquer indivíduo de se conectar à Internet e aceder às redes sociais, seja a que hora e lugar for, além de permitir que o indivíduo se relacione ao mesmo tempo com tantos outros num mesmo espaço, o ciberespaço (Lutz, 2014).

A sociedade vive numa Era Digital onde está rodeada de tecnologia e onde está constantemente a ser alvo de mensagens mas onde há pessoas com uma maior familiarização que outras relativamente aos médias digitais. De um lado existem os nativos digitais que são caracterizados pelo seu à vontade com a tecnologia nomeadamente, com os médias digitais, além de já terem nascido rodeados pela mesma como é o caso dos jovens e de outro lado existe os imigrantes digitais que são caracterizados pela sua relação superficial com os média di-

gitais, além da sua adaptação à mesma como é o caso dos pais dos jovens (Coelho, Costa e Neto, 2018 & Prensky, 2001).

A utilização da tecnologia nomeadamente, dos média digitais, por parte dos pais e dos filhos é distinta e são essas diferenças intrageracionais relativamente ao uso que abalam a hierarquia entre ambos, onde os filhos passam a ser a autoridade para ensinar os pais e não o contrario. Além das diferenças entre as gerações também acaba por ser reflexo de um excesso de autonomia que é dada pelos pais (Le Breton, 2017).

Os jovens são então caracterizados como indivíduos que apresentam uma constante interação e familiaridade com os média digitais, nomeadamente com as redes sociais. Posto isto, verifica-se que as relações sociais sofreram transformações, onde vemos a troca das relações sociais reais pelas relações sociais virtuais (Vasconcelos, 2015, p.111 e 112).

O progresso tecnológico trouxe também algumas dúvidas aos pais nomeadamente duas que são tidas como as mais preocupantes. A primeira passa pela relação de proximidade e como os seus filhos se relacionam com o mundo virtual e a segunda passa pela maneira que o uso excessivo dos média digitais mais precisamente, das redes sociais, pode influenciar no comportamento dos mesmos, seja dentro ou fora do contexto familiar. No meio desse mundo tão vasto que é o mundo digital num ponto de vista mais educacional as médias digitais no contexto familiar são bastante importantes visto que servem como mediadoras na relação entre essas mesmas gerações.

É pertinente realizar esta investigação na medida em que os médias digitais estão cada vez mais presentes nas nossas vidas nomeadamente, na vida dos jovens, além de que também estão a modificar as relações sociais como neste caso a relação entre pais e filhos que apresentam uma relação distinta com os mesmos, por serem ambos de gerações opostas, ou seja, duas gerações que ocupam a mesma era digital mas que partilham de um mesmo saber que é o saber digital (Prensky, 2001). Além do distanciamento entre pais e filhos a utilização excessiva dos média digitais, no caso das redes sociais, é possível verificar que as relações virtuais simbolizam na atualidade uma nova organização social (Souza e Borges, 2009).

A utilização excessiva dos médias digitais nomeadamente, das redes sociais, em contexto familiar deu a necessidade aos pais de enquanto mediadores de adotarem estratégias que passam por vários modelos de mediação parental que englobam regras e práticas, relacio-

nadas com a utilização dos média digitais, no caso das redes sociais (Vigotsky, 1986; Potolache, 2018; Livingstone e Bober, 2004).

Os objetivos principais do estudo passam por compreender de que modo é que a utilização excessiva da tecnologia, dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, afeta a sociabilidade entre pais e filhos na medida em que são duas gerações que ocupam um mesmo tempo histórico e social mas que possuem relações distintas relativamente à utilização das mesmas e passa também por compreender de que forma a relação dos jovens com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais, cria uma hierarquia entre filhos e pais e não o contrário.

Os objetivos da investigação num primeiro ponto, passam por compreender a utilização da tecnologia por parte dos jovens, tendo em conta que o seu avanço permitiu que esses mesmos jovens pudessem se conectar em qualquer lugar e a qualquer hora. Num segundo ponto, outro dos objetivos passa por compreender as questões entre imigrantes e nativos digitais que são representados por duas gerações que apresentam uma relação completamente distinta relativamente ao uso da tecnologia mas que ocupam um mesmo espaço temporal e apresentam uma semelhança, o saber digital. Num terceiro ponto, outro dos objetivos é compreender as relações sociais e as relações reais tendo em conta o avanço tecnológico que modificou as mesmas e por último abordar a mediação parental que é feita na utilização das redes sociais pelos jovens.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Utilização da Tecnologia por parte dos Jovens

Faz-se necessário compreender a origem da palavra tecnologia e a sua definição. A palavra *techné* deu origem às palavras técnica e tecnologia e é-lhe atribuído o significado de produzir (Veraszto, Silva, Miranda e Simon, 2009). A palavra tecnologia é fruto de uma ligação, junção entre o termo tecno que nasce do verbo *techné* que é associado nomeadamente aos verbos saber e fazer que nasce da palavra *logos* em grego e que é denominada por razão (do Rio, 2021).

Do Rio (2021) considera que a definição de tecnologia é difícil de definir na medida em que o conceito tem diferentes e várias interpretações ao longo dos tempos mas que para Lucas (2009), a tecnologia é definida como o conjunto da qual fazem parte técnicas que são capazes de modificar ou transformar o ambiente social em que o ser humano está inserido em novas realidades que são construídas de forma artificial. No entanto, para Barcelos (2010), a tecnologia é utilizada no dia a dia por todos os cidadãos que vivem neste mundo e a mesma é tida e representada como todos os tipos de “nova média, média digital, social media ou tecnologias de informação e comunicação”. Posto isto, os média digitais, modificaram as relações sociais e permitiram uma maior interação principalmente entre jovens no espaço virtual, através das redes sociais (Morais, 2014 e do Rio, 2021).

Gauthier (2000) mostra que para compreender a utilização que os jovens fazem dos média digitais é necessário e importante ter em conta o conceito de juventude, que é caracterizado pela sua definição bastante complexa na medida que apresenta vários critérios históricos, sociais, temporais e culturais. Na visão de Peralva (1997), apesar da complexidade do conceito, a juventude é uma condição social e um tipo de representação da sociedade e para Cicchelli (2001) e Gillis (1981), a juventude vai para além da infância e é definida como um período onde o jovem tem liberdade, apesar de depender da família (Mateia, 2018 e do Rio, 2021).

Almeida (2009) tem como um dos critérios base compreender a que faixa etária é que o grupo pertence para definir o conceito de juventude (Mateia, 2018). Segundo Mateia

(2018), os serviços estatísticos das Nações Unidas a partir de 1985 têm utilizado da faixa etária para definir o conceito de juventude e assim compreende-se jovem todo o cidadão que tenha idades entre quinze e vinte quatro anos de idade (UNESCO, 2004). De acordo com o Observatório da Comunicação (2015), o que caracteriza os jovens dessa mesma faixa etária são as suas práticas mediáticas que passam por uma dependência relativamente à utilização do telemóvel e internet, por uma frequente utilização dos média digitais em casa e nos restantes espaços e por uma maior participação na vida social através do virtual (Inês Amaral, Bruno Reis, Paula Lopes e Célia Quintas, 2017).

Os jovens de hoje são bastante diferentes dos jovens que pertenceram às outras gerações anteriores na medida em que a nossa sociedade sofreu e sofre alterações ao longo dos tempos. Essas mesmas alterações ao longo do tempo ajudaram na modificação do conceito de juventude e na forma dos jovens viverem (Dayrell, 2003). A busca pelo conceito de juventude e as mudanças que a mesma sofreu ao longo dos tempos, têm como objetivo compreender os jovens como indivíduos sociais que apresentam uma maneira de ser jovem e que adquirem conhecimento de modo a moldar a sua personalidade, ou seja, os jovens constroem maneiras de viver numa sociedade que é cada vez mais tecnológica (do Rio, 2021). A tecnologia nomeadamente, os média digitais, representam a nossa sociedade e essa representação da mesma é criada através da sua utilização constante por parte dos jovens e da nossa sociedade no seu dia a dia (Lèvy, 1999; Silva e Pereira, 2009; Moraes e Lacerda, 2000). Os média digitais que são utilizados constantemente pelos jovens são os mesmos que facilitam o acesso à informação e ao conhecimento (Lèvy, Silva e Pereira, 2009).

Segundo Lèvy (1999), a utilização constante da tecnologia por parte dos jovens está relacionada com o facto de ser o meio de acesso a diversas formas de média, como por exemplo, o acesso à internet que permite uma conexão em vários lugares ao mesmo tempo. Para Lèvy (1999), a tecnologia deu a possibilidade aos jovens estarem conectados em qualquer lugar, e a qualquer hora, além de trazer mudanças a nível de relacionamentos, novas formas de pensar, novas formas de se comunicarem, ou seja, há a criação de um novo espaço que é tido como o Ciberespaço.

O aparecimento da tecnologia e o avanço tecnológico fizeram com que todos os dias apareçam novas competências que estão a ser adquiridas de maneira intuitiva pelos jovens nomeadamente, o estarem conectados a várias realidades mediáticas ao mesmo tempo.

As competências adquiridas pelos jovens através da tecnologia só são possíveis porque os mesmos são os primeiros a se adaptar a mudanças, sejam elas culturais ou tecnológicas e também acabam por ser os primeiros a divulgar essas mesmas mudanças (Montgomery, 2009).

O aparecimento da tecnologia mais precisamente dos média digitais, e por consequência as redes sociais, transformou o comportamento da nossa sociedade nomeadamente, o comportamento dos jovens, e trouxe consigo as suas oportunidades e os seus riscos no momento da sua utilização (do Rio, 2021). Segundo Coronel e Silva (2010), o que dita se a utilização da tecnologia, neste caso dos média digitais, é uma oportunidade ou risco depende única e exclusivamente da intensidade do uso que se faz dela (do Rio, 2021).

De acordo com Paiva e Costa (2015), o avanço tecnológico que deu origem aos média digitais é um fenómeno de qualidade a nível do mundo virtual mas que a nível do mundo real, os mesmos consideram ser negativo na medida em que tira aos jovens o desenvolvimento de outras capacidades, ou seja, a tecnologia traz oportunidades e riscos (Do Rio, 2021).

Para Moraes, Miranda, Alves e Dias (2010), a tecnologia nomeadamente, os média digitais, tiveram uma grande e rápida evolução no momento em que apareceram, na medida em que tornaram a partilha de informação mais rápida, além de favorecerem a nível de novas oportunidades profissionais, educativas e pessoais. No que diz respeito aos jovens, Castells (2001), mostra que a tecnologia mais precisamente, as redes sociais, possibilitaram aos jovens de aumentarem significativamente o seu círculo de amigos além de fazer com que os mesmos desenvolvam novas amizades (do Rio, 2021).

Segundo Paiva e Costa (2015), os média digitais a nível do mundo virtual, mostram que os jovens são uma geração que mantém com os mesmos uma proximidade considerada natural, onde se comunicam, aprendem e partilham. Para Mussio (2017), Leitão e Costa (2005), as redes sociais são utilizadas pelos jovens como um espaço onde existe apenas felicidade, onde os mesmos partilham os seus sentimentos com o objetivo de esconder possíveis frustrações.

Os média digitais nomeadamente, as redes sociais, além das suas oportunidades também trouxeram os seus riscos que estão relacionados com o excesso de tempo de utilização dos mesmos que podem levar ao vício e ao isolamento social, além dos riscos associados ao conteúdo que os próprios proporcionam (Ponte e Viana, 2007; Ferreira e Monteiro, 2009;

do Rio, 2021). Para Paiva e Costa (2015), a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, de forma excessiva afeta principalmente o mundo real relativamente à comunicação e à interação social que acaba por se perder. Os jovens não separam nem distinguem o mundo real do mundo virtual, principalmente nas relações virtuais por acreditarem que as mesmas apresentam características iguais ao dos relacionamentos reais (boyd, 2008 e Mussio, 2017).

Os média digitais nomeadamente, as redes sociais, transformaram a forma dos indivíduos viverem e de se relacionarem em sociedade e o uso excessivo das mesmas criou um distanciamento nas relações afetivas, seja com familiares ou amigos mas que esse distanciamento é criado sem consciência (Cartaxo, 2008).

Para Eugénio (2018), aconteceram muitas transformações exteriores à família nomeadamente, o avanço tecnológico, que trouxe modificações à mesma. Eugénio (2018), mostra que a utilização exagerada da tecnologia mais precisamente, das redes sociais, nas casas gera um distanciamento entre os indivíduos que nelas habitam. O uso exagerado das redes sociais por parte dos jovens no contexto familiar pode tornar-se numa verdadeira ameaça, sendo assim uma questão de bastante relevância que precisa ser analisada e tratada na medida em que os jovens desta era digital nem sempre expressam os seus sentimentos, problemas ou desejos no mundo real e sim no virtual por sentirem uma intimidade e à vontade maior (Prevital, 2006 e Pinto, 2008).

Segundo do Rio (2021), a utilização exagerada da tecnologia nomeadamente, a utilização da internet que permite o acesso às redes sociais, por parte dos jovens, pode criar uma dependência dos mesmos. A dependência relativamente à tecnologia, neste caso às redes sociais, por parte dos jovens traz consigo várias consequências negativas no quotidiano dos indivíduos que passam por riscos a nível psicológico, de saúde mental, além de passarem pela alteração das relações sociais na vida real, onde há a presença de um isolamento por parte dos utilizadores (Lemos, 2019). As redes sociais comprometem a ligação e o diálogo no contexto familiar o que leva às dificuldades de relacionamento entre pais e filhos (Mateia, 2018).

Segundo Miranda de Larra (2005), a educação familiar tradicionalmente é de pais para filhos mas com a presença da tecnologia no contexto familiar o tradicional foi modificado e atualmente, por vezes, são os filhos que ensinam os pais quando se fala em tecnologia, neste caso, das redes sociais. Posto isto, é possível verificar que no momento da partilha de

informação, dá-se o encontro das duas gerações (Wagner et al., 2010). O encontro das duas gerações relativamente à partilha de informação sobre o uso dos média digitais, neste caso das redes sociais, pode gerar uma aproximação entre pais e filhos na medida em que o conhecimento mediático que é considerado uma aproximação também facilita a comunicação dos pais com os seus filhos na medida em que a tecnologia nomeadamente, as redes sociais, possibilitam a redução da distância e a facilidade em comunicar (Trindade e Monsmann, 2016).

Para Arab e Díaz (2015), quando existe um controle e uma supervisão sobre a utilização que os jovens fazem dos média digitais, existe a presença de benefícios relacionados ao desenvolvimento dos próprios jovens a nível de sentimentos, educação, relacionamentos entre outros que fazem parte da construção da identidade dos mesmos (Mussio, 2017).

1.2 Compreender as questões entre Imigrantes e Nativos Digitais

Lutz (2014), mostra que o progresso tecnológico traz mais facilidade relativamente ao acesso à Internet, seja por telemóveis de alta tecnologia ou por computadores portáteis. Para Lutz (2014), esses dois suportes eletrónicos são um dos tantos que existem e que permitem qualquer indivíduo conectar-se à Internet seja a que hora e lugar for, além de permitir que o indivíduo se relacione ao mesmo tempo com tantos outros, por exemplo, através das redes sociais.

Para Souza e Borges (2009), a interatividade é o que define o mundo digital e segundo Coelho, Costa e Neto (2018), vivemos numa Era Digital onde estamos cercados por aparelhos tecnológicos e por uma vivência que culturalmente já possui os média digitais como parte importante do cotidiano, devido ao constante bombardeamento de mensagens nas redes sociais ou fora delas.

A tecnologia permitiu aos indivíduos estarem conectados em qualquer espaço e tempo mas no entanto nem todos os indivíduos sabem utilizar as ferramentas tecnológicas. Segundo Prensky (2001), o que diferencia esses indivíduos é a sua relação com a utilização das ferramentas tecnológicas e a utilização dos termos nativos e imigrantes digitais (Souza e Borges, 2009).

Prensky (2006), Veen (2002 e 2003), Williams e Rowlands (2007) caracterizam os nativos digitais como a geração que nasceu no ambiente dos média digitais e que por esse fator tem uma maior familiarização com os mesmos, como é o caso dos jovens, e os imigrantes digitais como a geração que teve de se adaptar à nova era tecnológica, como é o caso dos pais. Para Prensky (2001), a Era Digital em que vivemos é então composta por duas gerações opostas que são tidas como nativos digitais e imigrantes digitais.

Os nativos digitais são designados pela geração que nasceu na Era Digital, apresentam uma maior facilidade e proximidade com a tecnologia, principalmente com o meio digital. Do outro lado temos a geração dos pais que são os imigrantes digitais na medida em que apresentam uma relação artificial com a tecnologia que se deve ao terem de se adaptar à mesma de acordo, por exemplo, com os seus interesses. O que distingue ambas as gerações é sua forma de se relacionar com a tecnologia apesar de ocuparem uma mesma Era, ou seja,

ocupam apenas um mesmo espaço relativamente ao tempo porque a maneira de relacionar com a tecnologia é completamente distinta (Presnky, 2001).

Segundo Souza e Borges (2009), os imigrantes digitais além de apresentarem uma relação artificial com a tecnologia e de ocuparem uma mesma Era é importante ter em conta que ao contrario dos nativos digitais, estes não nasceram já imersos em tempos onde a tecnologia fazia parte do nosso cotidiano. Os próprios tiveram de se adaptar, tiveram de segundo Prensky (2009) imigrar para uma cultura digital, onde nem sempre apresentam uma relação de confiança com a mesma, os imigrantes digitais vêem os média digitais, como algo que tem de aprender e os nativos digitais vêem como algo que lhes é natural.

Para Prensky (2001), o imigrante digital no momento que se relaciona com os média digitais tem uma característica particular que o define que é o “sotaque do imigrante digital”. Esse sotaque verifica-se no momento em os mesmos necessitam de recorrer à internet, mas recorrem apenas em segundo plano quando necessitam de uma informação a mais sobre determinado conteúdo ao invés de utilizar os média digitais logo no primeiro instante.

De acordo com Tori (2010), a relação que os imigrantes digitais têm com os média digitais, apresenta um dos maiores desafios relativamente à Era Digital que passa por compreender como funciona a cabeça dos nativos digitais que são capazes de estar conectados a vários meios mediáticos e ainda absorver muitas informações ao mesmo tempo. Tori (2010), verifica que essas características dos nativos digitais muitas vezes são desvalorizadas ou não compreendidas pelos imigrantes digitais.

Cassany e Ayala (2008), referem num primeiro ponto que os conceitos de nativo e imigrante digital levaram o seu tempo até ser definidos e que para Teruel e Bello (2016), há uma dificuldade em fazer a distinção das duas gerações que ocupam a mesma Era Digital mas que possuem uma relação completamente distinta com os média digitais.

A dificuldade em fazer a distinção das duas gerações, está relacionada com o facto dos imigrantes digitais apresentarem pouca relação com os média digitais ao contrário dos nativos digitais, já para não falar da pouca intimidade que apresentam também em relação aos mesmos em muitos dos casos. Ao distinguir-se os nativos dos imigrantes digitais é necessário ter em conta a sua relação com os média digitais e não o facto de terem ou não nascido na Era Digital (Teruel e Bello, 2016).

Para Becker (2009), a utilização da tecnologia, dos média digitais, não significa que há conhecimento, ou seja, posso saber manusear a nível tecnológico mas a nível de conhecimento pouco ou nada se absorve. Verifica-se que os conceitos de nativo digital e de imigrante digital são então postos em causa e é então proposto por Prensky (2012) um novo conceito que é o da Sabedoria Digital que anula a questão do nascer ou não na Era Digital.

A Sabedoria Digital prevalece como uma semelhança, pois tanto os nativos digitais como os imigrantes digitais partilham do mesmo saber que neste caso é o saber digital (Prensky, 2012). No entanto, Greimas e Courtés (2008), defendem que mesmo que os conceitos de nativo digital e imigrante digital partilhem de uma mesma semelhança, os mesmos só acabam por existir porque ambos são diferentes e é essa mesma diferença entre ambos que faz com que esses mesmos conceitos sejam definidos e estudados. De acordo, com Prensky (2001), é preciso ter em consideração que apesar dos nativos digitais e imigrantes digitais terem em comum a mesma semelhança que neste caso é a sabedoria digital, a sua relação com os média digitais pode variar, ou seja, podem existir nativos digitais com mais afinidade ou menos afinidade em relação aos próprios média digitais.

Segundo Prensky (2001), apesar de existirem nativos digitais com comportamentos de imigrantes digitais, é pouco provável que o nativo digital retroceda na medida em que o mesmo já é preparado e está alinhado ao mundo digital. Os nativos digitais reagem, sentem e aprendem de maneira distinta relativamente aos imigrantes digitais e o mesmo acontece com os imigrantes digitais que também reagem, sentem e aprendem de formas distintas dos nativos digitais. Existem então imigrantes digitais que se relacionam melhor com a tecnologia do que os nativos digitais e vice-versa. Essa relação existe de ambos os lados com os média digitais mas acaba por ser um pouco desequilibrada, devido à designação dos seus conceitos que também são a causa da falha de comunicação entre filhos e pais, ou seja, há uma falha na mensagem, não por serem de gerações opostas mas porque não estão ambos no mesmo patamar do saber digital (Coelho, Costa e Neto, 2018).

O conceito de sabedoria digital abordado por Prensky (2001), pode envolver uma série de conhecimentos tanto a nível do inteligível como a nível do exploratório, ou seja, existe para além do conhecimento da tecnologia uma vontade de conhecer a cultura digital de modo a relacionar o seu conhecimento com o seu interesse. Quanto mais o indivíduo estiver envolvido relativamente ao saber digital mais envolvido ele estará com os média digitais, com

a cultura digital e o contrário também acontece quando falamos de um indivíduo que está pouco ou quase nada envolvido com o saber digital, ou seja, quanto maior o envolvimento com o saber digital, maior é a cultura digital e o contrário também acontece quando o saber digital é menor, o envolvimento com a cultura digital também é menor (Coelho, Costa e Neto, 2018).

Relativamente aos conceitos de nativo digital e imigrante digital, verifica-se que o nativo digital embora tenha um maior à vontade e uma maneira mais sensível de se relacionar com a tecnologia, o mesmo acaba por ir atrás de uma maior compreensão das mesmas. O sensível e o inteligível acabam por se juntar em alguns casos, como por exemplo o aparecimento de novas profissões que lidam com esse tipo de relação (Coelho, Costa e Neto, 2018).

Para Coelho, Costa e Neto (2018), temos os imigrantes digitais que na maioria dos casos não dominam os média digitais e acabam sempre por ir em busca de uma maior compreensão dos mesmos. Verifica-se então que o imigrante digital fica apenas pela busca da compreensão da tecnologia o que faz com que ele próprio acabe por ficar estagnado. Posto isto, é necessário que o imigrante digital consiga aliar a sua vontade de aprender com a sua curiosidade, atração relativamente à cultura digital.

Após a análise dos conceitos nativo digital e imigrante digital compreende-se que ambos os conceitos são necessários para serem estudados e que apesar das suas diferenças de temporalidade e relação com os média digitais, existe a presença de uma semelhança que é o saber digital e que neste caso é o que acaba por definir o indivíduo como um nativo ou emigrante digital (Prensky, 2012).

1.3 Compreender as Relações Sociais Reais e Virtuais

Segundo Souza e Borges (2009), é através das relações sociais e virtuais que as pessoas estão incluídas na sociedade em que vivem. Para Castells (2003, p.10), a comunicação faz parte do ser humano e é através da mesma que o indivíduo se constrói enquanto ser humano capaz de socializar (Souza & Borges, 2009).

As relações virtuais simbolizam na atualidade uma nova organização social que foi possível através dos média digitais nomeadamente, pelas redes sociais (Souza e Borges, 2009). Segundo Machado (2005), essa mesma organização, trouxe consigo um novo espaço e novas formas de agir, onde é possível os indivíduos compartilharem informação e conhecimento, que contribui para a construção da sociedade (Thomael et al., 2005).

Para Vasconcelos (2015), os jovens são imediatamente caracterizados pela sua constante interação e familiaridade com a tecnologia nomeadamente, com os média digitais. A utilização cotidiana dos mesmos por parte dos jovens trouxe transformações às relações sociais (Vasconcelos, 2015). Nardon (2006), refere que é na juventude que os jovens ampliam o seu convívio social, através da participação em diferentes grupos. Na maioria dos casos os jovens passam mais tempo nos seus grupos de convívio virtuais do que reais, o que gera novos problemas sociais e a nível de comportamento.

Os meios digitais trouxeram mudanças a nível comunicativo, de relações sociais e tem grande influência no comportamento dos jovens (Castells, 2003). De acordo com Oliveira e Santos (2012), os jovens podem comunicar e socializar através, por exemplo, das redes sociais, o que transformou a maneira dos mesmos interagirem. Para Eisenstein e Estefenon (2006) os jovens substituem as brincadeiras e os jogos que se fazem na rua por jogos do meio virtual (Mateia, 2018).

Os jovens nasceram e estão a crescer num mundo tecnológico, onde diariamente acedem a tecnologia através dos seus dispositivos (Haia & Payton, 2010; Plowman, Stevenson, Stephen, & Mcpake, 2012; in Dias & Brito, 2016), o que os leva a desde muito cedo a aprenderem e acederem às várias formas de média digital nomeadamente, às redes sociais (Lepicnik & Samec, 2013).

Lévy (2000), verifica que existem jovens dependentes da tecnologia nomeadamente, dos média digitais e mostra que os mesmos passam horas e horas imersos nas redes sociais ou em chats de conversas. O tempo que os jovens dedicam aos média digitais, às redes sociais e a familiaridade com as mesmas faz com que troquem o mundo real pelo mundo virtual, onde a interação deixa de ser real e passa a ser virtual. A troca do mundo real pelo mundo virtual é visível no momento em que os jovens se mantêm constantemente rodeados dos média digitais, independentemente do espaço físico em que se encontram (Miranda et al., 2015).

A utilização dos média digitais por parte dos jovens chega a ser exagerada ou até mesmo criar uma possível dependência relativamente à mesma. Essa dependência tecnológica é então caracterizada pelo constante envio de mensagens e partilha nas redes sociais, seja por computadores ou telemóveis. Deste modo, ao estarmos expostos ao uso dos média digitais estamos a gerar um conforto, segurança e bem estar mas que ao contrário, quando existe uma dependência, há a presença do medo e da angústia que são um dos tantos exemplos de sentimentos causados pela ausência dos média digitais, no caso as redes sociais (King, 2014; Valença e Nardi, 2010).

Moreira (2011), verifica que os jovens através da sua proximidade e convivência nas redes sociais, criam uma facilidade maior para manter ou criar relações virtuais na medida em que nesse momento há uma sensação de pertença, intimidade, existe um à vontade para expôr certos comportamentos ou características que nas relações reais não seria possível mostrar. De acordo com Silva (2016), os jovens são capazes e têm uma maior facilidade em criar relações pessoais no mundo virtual do que no mundo real. No entanto, Fonte (2008), aponta que as relações pessoais que são criadas através do mundo virtual, são relações virtuais que têm como características a sua superficialidade e uma falsa intimidade que por elas é criada ao indivíduo.

As relações virtuais têm o seu lado positivo mas quando usadas de maneira excessiva podem ser altamente prejudiciais, por levarem os jovens a viverem uma vida no mundo virtual totalmente diferente do mundo real. No momento em que há a ruptura do virtual para o real é como se nada fizesse sentido, pois é lhes criada uma falsa impressão (Bauman, 2009).

As relações virtuais afetam as relações reais na medida em que afastam as pessoas fisicamente. Esse distanciamento social e físico é preenchido pelos jovens com as redes sociais, onde através das amizades virtuais e do constante compartilhamento de informações cri-

am a sensação de que nunca estão sozinhos e infelizes. Quando os jovens saem das redes sociais existe a presença de uma realidade distorcida que é composta pela por uma felicidade falsa que é criada através das interações no mundo virtual (Silva, 2016).

A tecnologia nomeadamente, a internet, gera a sensação de que os jovens podem tudo nomeadamente, de ignorar os limites do mundo real, através do anonimato, da facilidade em realizar diversificadas atividades e obter informações. A mesma sensação, é um fator que estimula o narcisismo dos jovens na medida em que existe um contacto com a tecnologia constante, uma relação de proximidade e de intimidade com a mesma (Silva, 2016).

Mussio (2017), destaca que as relações a nível do mundo virtual são tidas como relações instáveis, sem autenticidade e superficiais, além de orientarem todas as outras relações denominadas reais (Bauman, 2004). Posto isto, a sociedade está exposta a uma serie de estímulos e não consegue atender a todos, de modo que passa a adaptar-se aos mesmos e a utilizá-los. Os indivíduos além de estarem expostos a uma serie de estímulos e não conseguirem chegar a todos, começam a ignorar-se entre eles próprios pelo facto de ser impossível dar atenção a tantas coisas ao mesmo tempo, por exemplo, indivíduos que estão acompanhados por outros mas que estão focados, isolados no virtual seja em que espaço for (Mussio, 2017). Segundo Mussio (2017), a variedade dos média digitais e a vontade de estar conectado com várias pessoas ao mesmo tempo, fez com que as pessoas se isolassem cada vez mais de maneira a criar um mundo perfeito, porém virtual (Giardelli, 2011).

De acordo com Mussio (2017), os média digitais nomeadamente, as redes sociais, de deixaram de ser um meio de transmissão de informação impessoal e tornaram-se um meio de transmissão de informação público onde o indivíduo expõe as suas relações e gostos pessoais (Keen, 2012, p.29-30).

O uso excessivo dos média digitais nomeadamente, das redes sociais por parte dos jovens, gera confusão ao falarmos de relações reais e virtuais na medida em que existem muitos jovens a viverem uma vida virtual muito distinta da vida real. As redes sociais trouxeram mudanças relativamente à interação social e grandes problemas de nível social, como o isolamento, onde o indivíduo deixa de ter relações sociais reais e passa a ter relações virtuais (Stanley Milgran, 1977).

1.4 Compreender a Hierarquia entre filhos e pais

Quando falamos de família, falamos do contexto em que o indivíduo se desenvolve, ou seja, onde evolui de um ser dependente para um ser independente e onde tem os primeiros contactos afetivos. Na família é onde estão presentes todos os valores e costumes que o indivíduo vai ter acesso e é na família que se inicia o processo da comunicação que é trabalhada através do diálogo entre os elementos da mesma (Oliveira, 1997 e Vivian, 2012).

De acordo com Prensky (2006; 2001), a presença constante dos média digitais nomeadamente, das redes sociais no quotidiano, modificou as relações sociais e afetivas entre pais e filhos onde ambos apresentam uma relação distinta com a tecnologia, por serem ambos de gerações opostas, ou seja, duas gerações que ocupam a mesma era digital. Posto isto, de que forma a relação dos jovens com idades entre os quinze e vinte e quatro anos com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais, cria uma hierarquia entre filhos e pais e não o contrário?

Prensky (2001), designa os pais como imigrantes digitais, na medida em que tiveram de se adaptar aos média digitais e os filhos como nativos digitais, na medida em que já nasceram no contexto dos média digitais, citando as suas diferenças. Essas diferenças passam pela relação artificial e de pouca intimidade com os média digitais por parte dos pais ao contrário dos filhos que apresentam uma relação de proximidade. Essas diferenças entre ambas as gerações relativamente ao uso dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, abalam a hierarquia entre ambos, na medida em que os filhos assumem uma autoridade para ensinar os pais e a partir dessa posição decidem o quê, como e quando ensinar, retendo de propósito algumas informações. Essa hierarquia é reflexo de uma adultização precoce que tem como tal o consumismo e o excesso de autonomia que é dada pelos pais (Le Breton, 2017).

O excesso de autonomia dada por parte dos pais, faz com que os mesmos sejam capazes de reconhecer os jovens como indivíduos capazes de fazer as suas próprias escolhas seja relativamente ao que comer, vestir e consumir. Verifica-se então que existe uma retirada do adulto no que toca às suas responsabilidades para com o jovem, o que faz com que o mesmo tenha de aprender sozinho (Pereira, 2014).

A presença dos média digitais nomeadamente, das redes sociais no quotidiano das famílias gera um dos maiores desafios que é a dissociação na medida em que os pais devem

conhecer o meio digital para estabelecer uma relação de proximidade com os seus filhos. De acordo com Winocur (2009), os média digitais nomeadamente, as redes sociais, trouxeram mudanças a nível de comunicação, socialização e aprendizagem aos jovens e essas mesmas mudanças criaram um novo espaço, o ciberespaço. Esse mesmo espaço de pertença faz com que os jovens não tenham a necessidade de separar o tempo em que devem ou não utilizar os média digitais no caso, as redes sociais, ao contrário dos seus pais. A utilização dos média digitais por parte dos pais mostra que os mesmos apesar das dificuldades de adaptação têm a necessidade de fazer uma separação entre o momento em que os utilizam e o momento em que não os utilizam (Winocur, 2014). Posto isto, para Fernández e González os pais apresentam assim uma relação artificial com os média digitais.

Os média digitais são tidos como algo natural na vida cotidiana dos jovens e dos seus pais na medida em que passam a ser uma necessidade. Posto isto, essa mesma necessidade é diferente para ambos, pelo facto dos jovens se relacionarem com os média digitais como parte da experiência de ser jovem e os adultos viverem essa necessidade como algo que lhes é imposto, o que acaba por lhes trazer algumas dificuldades (Winocur, 2014). No momento em que surgem determinadas dificuldades a nível dos média digitais, verifica-se que os pais recorrem aos filhos e é então nesse momento que se observa a inversão no papel da autoridade, onde os filhos passam a ensinar os pais relativamente aos média digitais (Salvat, 2000).

Segundo Martins (2013), um estudo realizado por Mesh (2006a), revela que o facto dos jovens dominarem as tecnologias ao contrário dos seus pais “indica uma inversão de papéis familiares tradicionais”, ou seja, o conhecimento era transmitido de pais para filhos e quando falamos de tecnologia passa a ser de filhos para pais. Martins (2013), revela que essa “inversão de papéis” é o que gera a maioria dos conflitos entre as gerações na medida em que os jovens passam a desafiar o poder de autoridade dos pais e passam a reter informação (kiesler, Zdnaiuk, Lundmark e Kraft, 2000).

Martins (2013), vê como ponto positivo o facto do jovem estar familiarizado e ser ágil no que diz respeito à utilização dos média digitais, pois faz com que o mesmo facilite a utilização dos mesmos aos outros membros da família, além de mostrar que podem confiar no seu conhecimento e pedir orientação caso seja necessário (kiesler, Zdnaiuk, Lundmark e Kraft, 2000). Por outro lado, Winocur (2014), verifica que os filhos no momento em que se

predispõem para ajudar os pais relativamente ao uso da tecnologia, mostram um querer ensinar mas rapidamente acabam por se aborrecer.

O aborrecimento dos filhos, para Winocur (2014), é explicado através de dois pontos. O primeiro ponto é o da falta de cuidado dos pais em aprenderem mais sobre os média digitais que para o jovens é algo fácil e óbvio de manusear. O segundo ponto que explica o tal aborrecimento é a posição em que os pais se encontram que acaba por ser uma posição de infantil, onde os mesmos dependem dos seus filhos e onde são tidos como incapazes de aprender ou resolver as coisas sozinhos. De acordo com Winocur (2014), a inversão da autoridade, onde os filhos ensinam os pais relativamente à utilização dos média digitais, gera conflitos. Esses conflitos aparecem na medida em que a hierarquia entre filhos e pais se modifica, dá outro sentido à designação do poder dentro do lar além de afetar a comunicação entre ambos.

1.5 Compreender as falhas na Comunicação entre Pais e Filhos

Segundo Köhler e do Amaral (2011), a introdução dos meios digitais na nossa sociedade modificaram os conceitos de tempo e espaço, além de trazerem a necessidade dos indivíduos de em qualquer parte do mundo, principalmente dos jovens, de trocarem informações e de se manterem constantemente conectados nomeadamente, nas redes sociais. No entanto, ainda existem pessoas, neste caso os pais dos jovens que não sabem utilizar ou que têm dificuldade em manusear as mesmas (Köhler e do Amaral, 2011).

Relativamente à introdução dos meios digitais no contexto familiar, Martins (2013), refere que o tempo que os pais passam com os filhos fortalece e desenvolve boas relações entre os mesmos, e que a redução desse tempo prejudica as mesmas (Subrahmanyam et al., 2001). Posto isto, de acordo com Martins (2013), a presença dos meios digitais nas famílias principalmente, a Internet afetou significativamente a proximidade entre pais e filhos e criou conflitos que afetam a qualidade das relações entre os mesmos (Mesh, 2003). Posto isto de que forma é que a utilização excessiva da tecnologia, dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, afeta a sociabilidade entre pais e filhos com idades entre os quinze e vinte e quatro anos ?

Verifica-se que para Martins (2013), a utilização frequente dos média digitais, mais precisamente das redes sociais, por parte dos jovens faz com que os mesmos substituam os momentos de interação com a família pelo contacto virtual, onde acabam por perder o contacto visual, a linguagem corporal, as expressões que fazem parte da comunicação entre as pessoas (Nie et al., 2002).

Os média digitais nomeadamente, as redes socais, quando utilizadas de forma frequente e excessiva pelos jovens em contexto familiar, geram consequências negativas que passam pelo distanciamento nas relações entre pais e filhos, além do tempo de utilização excessivo das mesmas por parte dos jovens (Livingstone e Bovill, 2001; Sala e Blanco, 2005). O uso excessivo e inadequado dos média digitais nomeadamente, as redes sociais, no contexto familiar, modificaram o convívio da família e criaram uma falha na comunicação entre pais e filhos na medida em que os filhos e os pais passam a viver em mundos totalmente diferentes. Os filhos o mundo tecnológico e os pais o mundo tido como real (Alves; 2011). Posto isto, Dias (2011), considera que o conceito família sofreu historicamente grandes mudanças, tanto

no seu interior como no seu exterior e essas grandes mudanças passaram pela introdução dos média digitais no contexto familiar, que gerou uma nova forma de viver (Carvalho et al., 2015).

De acordo com Köhler e do Amaral (2011), a família sofre com uma falta de inclusão social que está associada ao pouco interesse e à pouca familiaridade no acesso aos média digitais por parte dos pais, o que faz com que os filhos utilizem a tecnologia de forma descontrolada, sem informação, o que leva a esses jovens, a viverem situações que podem mais à frente prejudicar as relações, o desenvolvimento intelectual e até social dos mesmos. Quando a utilização da internet está aliada à falta de informação e comprometimentos dos pais, pode gerar graves problemas e a várias situações prejudiciais para o jovem, o que torna necessário que os pais estejam atentos de modo a orientar sobre a utilização da tecnologia (Köhler e do Amaral, 2011).

Drummond e Pratta (1998 e 2007), consideram que é de extrema importância que haja compreensão de ambas as gerações, ou seja, tanto dos pais como dos filhos e uma boa comunicação entre os mesmos para que possa haver uma partilha saudável de opiniões. Caso contrário, se não houver um bom convívio e uma boa relação relativamente ao tempo que os pais passam com os filhos os jovens refugiam-se no mundo virtual e é então criado um distanciamento familiar (Steinberg, Morris; 2001). Para Morgado, Andrade, Santos e Narezi (2014), a comunicação familiar é essencial dentro da família mas no entanto, é um dos maiores desafios para os pais na medida em que os mesmos tem de se moldar a forma de educar e orientar os seus filhos.

A introdução dos média digitais trouxeram transformações relativamente à comunicação dentro do meio familiar, à forma da família se reunir, o que mostra, segundo Dumazedier (1994), que além da compreensão de ambas as gerações relativamente à utilização dos média digitais, é necessário que haja uma adaptação da parte de todos relativamente ao novo modo de se comunicar na medida em que a comunicação não acabou, simplesmente sofreu transformações.

Segundo Eisenstein e Estefenon (2006), o distanciamento familiar engloba não só o afastamento físico mas também o afetivo, ou seja, esse mesmo distanciamento é responsável por modificar a forma dos pais e filhos se comunicarem e conviverem entre si. Para Martins (2013), verifica-se que a presença excessiva dos média digitais nos momentos de convívio e a

falta de afeto diário nesses mesmos momentos pode criar um fosso entre as gerações que vivem no mesmo ambiente familiar.

Tori (2010), aborda a questão da falta de compreensão entre pais e filhos e verifica que a mesma está ligada à relação distinta que ambos apresentam com a tecnologia. Os pais não compreendem a utilização feita pelos filhos, além de não valorizarem umas das características dos jovens que passa por estarem imersos na tecnologia. A falta de compreensão não é apenas visível da parte dos pais como também é visível da parte dos filhos, que não compreendem a relação artificial que os pais apresentam com a mesma. Posto isto, para Buckingham (2000), faz-se necessário que os pais em vez de limitar consigam orientar os seus filhos para eventuais experiências que possam vir a ter no meio tecnológico, estar dispostos a valorizar a relação dos jovens com a tecnologia e conhecerem o meio digital porque só assim seria possível um diálogo e uma relação de proximidade com os seus filhos onde os mesmos também ensinariam aos seus pais relativamente aos média digitais nomeadamente, as redes sociais.

1.6 Mediação Parental

Piaget, Vigotsky e Wallon que dominam a “Psicologia do Desenvolvimento” e apresentam teorias distintas sobre a mesma têm um ponto em comum que passa por pensar os indivíduos como seres humanos capazes de socializar (Postolache, 2018).

Na teoria apresentada por Vigotsky (1991), o desenvolvimento do ser humano acontece através do significado que o mundo vai tendo, neste caso para os jovens, que através das interações com os outros tornam-se indivíduos com cultura. Para Vigotsky, o sujeito que neste caso são os jovens, não são apenas ativos como considera Piaget, mas sim interativos, onde o conhecimento se forma através das relações com outros indivíduos e a nível individual (Postolache, 2018).

Oliveira (1997), considera que segundo a teoria apresentada por Vigotsky (1991), a relação dos jovens com o mundo não pode ser considerada direta na medida em que existe um mediador nessa relação que é considerado mais experiente, neste caso os pais dos mesmos. Para Vigotsky (1991), a aprendizagem é fruto da mediação que os pais fazem aos seus filhos, ou seja, a interferência de outra pessoa, neste caso mais experiente como, por exemplo, os pais, faz com que os filhos aprendam sobre coisas que não dominam. Os mediadores são considerados por Vigotsky (1991), como aqueles que ajudam os jovens a atingir um objetivo que não conseguem atingir sozinhos (Postolache, 2018).

Na teoria de Piaget, ao contrário de Vigotsky (1991), os jovens, são considerados ativos na medida em que são os próprios que geram o seu conhecimento, através da sua aprendizagem que depende do seu desenvolvimento. Para Piaget, o foco principal é a capacidade dos jovens aprenderem embora não desconsidere a importância do papel do meio social em que os jovens estão inseridos (Postolache, 2018).

Piaget, Vigotsky e Wallon verificam que a aprendizagem dá-se através das relações de troca entre o indivíduo e o meio em que está inserido. De acordo com Vigotsky (1991) e Wallon, o ser humano constrói-se, através das relações que apresenta com o meio em que está inserido e com o outro, neste caso os jovens constroem o seu eu, através das relações de troca com os seus pais que existe em contexto familiar. Em relação ao mediador, Vigotsky (1991) considera que o mediador da relação é o conhecimento e o tipo de linguagem utilizada enquanto que Wallon considera como mediador das relações a emoção (Postolache, 2018).

A família, para Vigotsky (1991), é considerada como o meio social onde os jovens estão inseridos desde que nascem e é a mesma onde estabelecem as primeiras relações e interações com os outros, neste caso com os pais. De acordo com Vigotsky (1991), os jovens desde que nascem estão em constante interação com os seus pais e vão incorporando os mesmos no seu conhecimento, pois é através da mediação dos mesmos que os jovens desenvolvem o seu próprio eu (Postolache, 2018).

Segundo Piaget, Vigotsky (1991) e Wallon, verifica-se que a aprendizagem e o desenvolvimento estão ligados à relação que existe entre o indivíduo e o meio social em que está inserido, além da apropriação desse mesmo meio social através da mediação. Posto isto, os pais são tidos como os mediadores na medida em que influenciam no desenvolvimento dos jovens proporcionando-lhes conhecimento, como os média digitais nomeadamente, as redes sociais (Postolache, 2018).

Postolache (2018), de acordo com a teoria de Vigotsky (1986), verifica que a introdução dos média digitais, no caso das redes sociais no contexto familiar, traz a necessidade dos pais enquanto mediadores encontrarem estratégias para uma utilização positiva com a finalidade de reduzir ou prevenir os possíveis efeitos negativos que a má utilização pode trazer. Na visão de Schlembach et al. (2014), é necessário que os pais tenham a consciência e compreendam a importância de mediar a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, por parte dos seus filhos (Postolache, 2018).

Os pais além de terem o papel mediadores, de uma forma geral são os próprios que iniciam os seus filhos nos média digitais (Kucirnova, Sakr, 2015; Plowman et al., 2008). Para Lauricella et al. (2015), como tal, é visível uma reprodução de comportamentos entre a maneira como os pais utilizam os média digitais e de como os filhos as vão também utilizar, além de que quanto mais jovens forem os filhos maior será a tendência a reproduzir os comportamentos de utilização (Postolache, 2018).

No caso das redes sociais em contexto familiar, existe a necessidade dos pais enquanto mediadores de adotarem estratégias (Vigotsky, 1986). Segundo Postolache (2018), foram criados vários modelos de mediação parental e um deles passa por distinguir a maneira como os pais utilizam os média digitais e de que maneira promovem a utilização dos mesmos no contexto familiar através da aplicação, negociação de regras e práticas relacionadas com a utilização (Livingstone e Bober, 2004). Outro modelo que é proposto por Valcke et al. (2010)

e que está relacionado com Baumrind (1991), relaciona a mediação feita pelos pais relativamente aos meios digitais e aos média digitais com estilos parentais.

Verificamos que para Darling e Steinberg (1993), os estilos parentais são a relação que existe entre pais e filhos ou até mesmo como as atitudes dos próprios pais num todo, onde os mesmos incluem práticas e outros aspectos na sua relação, interação com os seus filhos (Darling e Steingber, 1993, p.488). Na visão de Darling e Steinberg (1993), os estilos parentais são considerados como o ambiente onde os pais educam os seus filhos de acordo com as suas práticas que incluem valores e crenças. Verificamos então que os estilos parentais fazem parte das atitudes que os pais apresentam e das práticas parentais dos mesmos que podem variar de acordo com cada de situação (Postalache,2018).

Segundo Baumrind (1971), existem três estilos parentais, formas dos pais se relacionarem com os seus filhos relativamente aos média digitais nomeadamente, às redes sociais. Existe então, o estilo autoritário, que passa pela tentativa dos pais de controlarem e moldarem o comportamento dos seus filhos, através de regras que não lhes são explicadas. Neste estilo o mais importante é os filhos obedecerem aos pais e quando acontece o contrário os pais utilizam de modo geral castigos ou punições. O estilo autoritativo que passa por regras que são aplicadas e explicadas pelos pais aos seus filhos, ou seja, existe a presença e a preocupação por parte dos pais em manter um diálogo, onde os pais ouvem os seus filhos e reconhecem os interesses. O estilo indulgente que passa pela aplicação de normas ou regras por parte dos pais é pouco exigente, além de que os mesmos são bastante receptivos mediante as vontades dos seus filhos (Postache, 2018).

Entre os estilos parentais, Tineco (et al., 2011), considera o estilo parental autoritativo o que apresenta mais resultados positivos na medida em que desenvolvem mais responsabilidade. No entanto, foram criados outros dois estilos parentais por Livingstone e Helsper (2008), para mediar a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais. Esses dois estilos são o da monitorização que passa pela supervisão dos pais relativamente à utilização e às atividades online e o estilo parental helpdesk que tem como base a utilização por parte dos pais de aplicações que apresentam a função de regular ou bloquear todo o tipo de conteúdo impróprio (Postache, 2018).

Para Postolache (2018), o que leva à mediação dos pais relativamente aos média digitais, neste caso das redes sociais, é a utilização excessiva por parte dos jovens. Postolache

(2018), verifica que inicialmente quando os jovens começam a utilizar os média digitais que os pais utilizam do estilo parental permissivo que pode evoluir para o estilo autoritário, pois a utilização passa a ser excessiva (Dias et al. 2017). Posto isto, Postolache (2018), refere que para Valcke et al. (2010), o estilo mais utilizado é o autoritativo quando falamos nos média digitais, onde a afetividade está ligada ao controle, mas na maioria das pesquisas os pais tendem a ser permissivos relativamente ao uso dos mesmos em contexto familiar (Pereira et al. 2016).

2. Processo Metodológico

A utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais por parte dos jovens trouxe modificações às relações sociais dos mesmos, neste caso entre os próprios e os seus pais que embora ocupem o mesmo espaço histórico e temporal, apresentam uma relação distinta com os média digitais, neste caso com as redes sociais (Prensky, 2001). Além do distanciamento entre os jovens e os seus pais, a utilização excessiva dos média digitais, no caso das redes sociais, fez com que as relações virtuais passassem a simbolizar uma nova organização social (Souza e Borges, 2009) e que em contexto familiar existisse a necessidade dos pais de enquanto mediadores de adotarem estratégias que passam por regras e limites, relacionadas com a utilização dos média digitais, no caso das redes sociais (Vigotsky, 1986; Pottolache, 2018; Livingstone e Bober, 2004). Posto isto, deu-se a necessidade de compreender de que forma é que o excesso de utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais pode estar ligado a uma falta de sociabilidade entre os jovens e os seus pais e se essa utilização excessiva das mesmas pode vir a criar uma hierarquia entre os jovens e os seus pais e não o contrário.

O estudo apresentado apoiou-se numa abordagem qualitativa de maneira a responder às duas perguntas de partida principais que passam por compreender de que modo é que a relação dos jovens com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais, afeta a sociabilidade entre pais e filhos e compreender ainda de que modo é que essa relação dos jovens com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais, gera uma hierarquia entre filhos e pais e não o contrário.

Neste estudo recorreu-se então ao método da entrevista semi-estruturada a quinze indivíduos com idades entre os quinze e vinte e quatro anos que são denominados, segundo Mateia (2018), pelos serviços estatísticos das Nações Unidas a partir de 1985 como jovens (UNESCO, 2004) e que apresentam de acordo com o Observatório da Comunicação (2015), práticas mediáticas que passam por uma dependência relativamente à utilização do telemóvel e internet, por uma frequente utilização dos média digitais em casa e por uma maior participação na vida social através do virtual nomeadamente, através das redes sociais (Inês Amaral, Bruno Reis, Paula Lopes e Célia Quintas, 2017).

Os quinze jovens são compostos por um de quinze anos, um de dezassete anos, dois de dezoito anos, um de dezanove anos, dois de vinte anos, dois de vinte e um anos, um de vinte e dois anos, dois de vinte e três anos e por último três de vinte e quatro anos. Os primeiros jovens a serem recrutados foram indicados através de contactos de trabalho, universidade e posteriormente os primeiros jovens já recrutados solicitaram os contactos dos restantes participantes do estudo em questão. Esta é, portanto, uma amostra parcial não representativa de conveniência e com recrutamento de participantes pelo método “bola de neve”.

O contacto com os quinze jovens para solicitar as entrevistas foi realizado através de mensagens de texto, onde foi explicado o porquê de os estar a contactar, qual era o objetivo do contacto e se estariam disponíveis para participar no estudo. Após o contacto com os quinze participantes ter sido realizado e lhes ter sido explicado que seria mantido o seu anonimato, foi enviado aos responsáveis dos menores de idade um documento de pedido de consentimento prévio (Anexo B), onde os mesmos autorizavam ou não a participação dos jovens menores nas entrevistas do presente estudo. Em seguida, após ter as autorizações dos responsáveis legais dos participantes menores de idade e de ter a confirmação de todos os restantes, foram então combinados os dias e as horas para a realização das entrevistas.

As entrevistas semi-estruturadas seguiram um guião (Anexo A) que teve por base as seguintes perguntas:

- Utilizas mais o telemóvel ou o computador para aceder às redes sociais? Porquê?
- Onde é que te sentes mais confortável em casa para o utilizares? Porquê?
- Tens noção de quanto tempo por dia passas conectado às redes sociais? Se sim, quanto tempo?
- Conseguirias ficar um dia inteiro sem acesso às redes sociais? Porquê?
- Os teus pais impõe-te limites ou regras para a utilização dos média digitais? Se sim, quais?
- Quando os teus pais pedem ajuda relativamente a uma dificuldade de utilização dos média digitais ou até mesmo das redes sociais, tu ajudas?

- Sentes-te mais confortável para partilhar informações e te relacionares com os teus pais no dia a dia ou com os teus amigos através dos média digitais, neste as redes sociais? Porquê?
- Acreditas que há uma compreensão por parte dos teus pais relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, as redes sociais? Porquê?

As entrevistas foram realizadas e gravadas através de video conferência, tiveram duração média de 30 minutos cada uma e posteriormente foram ouvidas, analisadas com a finalidade de encontrar semelhanças e diferenças nas respostas dos entrevistados em questão e por fim decompor os dados em categorias e os seus respectivos indicadores.

As categorias encontradas passam pela utilização onde é possível observar como é que os jovens fazem a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, passam pelo local de utilização das mesmas em contexto familiar, pelo tempo de utilização que os jovens fazem das redes sociais, pelo tipo de utilização se é considerada boa ou má, pelas relações onde é possível observar que entre pais e filhos existem falhas de comunicação e pela imposição de limites e regras relacionadas à utilização dos média digitais, neste caso às redes sociais.

No fim das entrevistas aos quinze jovens com idades entre os quinze e vinte e quatro anos foi-lhes solicitado o contacto de um dos seus responsáveis para então ser possível criar grupos de foco com os mesmos e os seus pais de maneira a tentar compreender de que forma é que a falta de sociabilidade associada à utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, por parte dos jovens também pode estar ligada a uma possível dissociação, falta de compreensão por parte dos pais relativamente às práticas mediáticas dos jovens, isto por pais e filhos se relacionarem de forma diferente com os média digitais, num mesmo espaço temporal (Prensky, 2001).

Após a realização do contacto com os pais onde foram combinadas as datas para tais conversas. Foram, então, criados cinco grupos de foco com seis participantes cada um nomeadamente, três jovens e três pais e foram realizados e gravados através de video conferência com duração até 40 minutos, tendo a investigadora garantido o anonimato de todos os intervenientes. Os grupos de foco foram dinamizados pela própria investigadora.

Num primeiro momento foi feita uma breve introdução, onde foi apenas explicado que se iriam lançar três perguntas direcionadas aos pais e que os jovens podiam manifestar-se quando assim se fizesse entender, além de que também foi explicado que as perguntas estavam relacionadas com a utilização dos média digitais nomeadamente, com as redes sociais por parte dos jovens no contexto familiar. Após a breve introdução foram então lançadas as perguntas, às quais os pais iam respondendo e onde os jovens também rebatiam. As perguntas feitas foram as seguintes:

- Como é que considera a utilização que os jovens fazem dos média digitais? Porquê?
- Existe algum receio relativamente à utilização que os jovens fazem dos média digitais? Quais?
- Existe uma compreensão relativamente à utilização que os jovens fazem dos média digitais, das redes sociais?

A amostragem utilizada também foi de conveniência com recrutamento por snowballing e a amostra é composta pelos quinze jovens que participaram no estudo nomeadamente, jovens com idades entre os quinze e os vinte e quatro anos que ainda vivem em casa dos seus pais e que utilizam os média digitais nomeadamente, as redes sociais e pelos seus próprios pais que moram em zona urbana e são de classe média. A nível de estudos os pais apresentam ensino superior e entre os quinze jovens existem jovens que apresentam ensino superior, que frequentam o mesmo ou o ensino secundário. O método utilizado foi de novo o da comparação constante com a finalidade de observar possíveis semelhanças e diferenças dos participantes. Os dados foram decompostos em categorias e respectivos indicadores tendo em conta cada questão e comparados de acordo com as semelhanças e diferenças das respostas dadas pelos entrevistados.

Nos grupos de foco fez-se necessário ouvir novamente cada gravação, ter em conta as repostas semelhantes dos pais e dos jovens de cada grupo focal e por fim decompor os dados em categorias e os seus respectivos indicadores. As categorias encontradas passam pelos tipos de utilização onde é possível observar a opinião dos pais relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais pelos jovens, passam pelos medos onde é possível observar os receios por parte dos pais relativamente à utilização feita pelos jovens e passam pela compreensão onde é possível observar se existe ou não uma compreensão por

parte dos pais relativamente à utilização das redes sociais pelos jovens. Após a decomposição dos dados das entrevistas e dos grupos de foco em categorias e os seus respectivos indicadores, fez-se um texto articulado e coerente com os resultados obtidos.

3. Resultados

3.1 Entrevistas

Esta tese começou por perguntar de que forma é que o excesso de utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais pode estar ligado a uma falta de sociabilidade entre os jovens e os seus pais e se essa utilização excessiva das mesmas pode vir a criar uma hierarquia entre os jovens e os seus pais e não o contrário.

Por isso, as entrevistas começam por aferir questões relacionadas com o uso dos média digitais. Após a realização das entrevistas aos quinze jovens com idades entre quinze e vinte e quatro anos de idade que vivem em casa dos seus pais relativamente à utilização que os mesmos fazem dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, foi possível observar através de respostas como, “utilizo muito mais o telemóvel”, que os mesmos utilizam o telemóvel como o meio principal para aceder às redes sociais. A utilização do telemóvel pelos jovens como o meio principal de acesso às redes sociais, tem relação segundo os próprios, com a facilidade que o mesmo proporciona relativamente ao onde e quando utilizar como se pode observar no momento em que os jovens confessam que o telemóvel permite “entrar nas redes sociais quando eu quiser e onde eu quiser”. Por outro lado através de respostas como, “utilizo o meu computador portátil para aceder às redes sociais. Porque quando estou a estudar, abro o meu instagram e o whatsapp e deixo-os ligados o que faz com que deixe o telemóvel apenas para chamadas que possam vir a fazer-me”, verificamos que também existem jovens que utilizam o computador portátil como meio para aceder às redes sociais. Por exemplo, no momento em que vão estudar abrem o Instagram e o Whatsapp e deixam o telemóvel para eventuais chamadas que lhes possam vir a fazer.

Em relação ao local de utilização dos telemóveis para o acesso às redes sociais em contexto familiar, existem jovens que confessam sentir-se mais confortáveis “para usar o telemóvel no refúgio do meu quarto”, porque caso contrário, “se estiver na sala, por exemplo, os meus pais vão perguntar o porque de estar sempre agarrado ao telemóvel ou o porque de me estar a rir sozinho”, ou seja, verifica-se que existem jovens que se sentem mais confortáveis para realizar a utilização nos seus quartos na medida em que se fosse ao contrário iriam sentir uma intromissão por parte dos seus pais relativamente à utilização do telemóvel que,

neste caso, é o meio de comunicação mais utilizado para aceder às redes sociais por parte dos mesmos. Por outro lado, existem jovens que através de respostas como, “sinto-me confortável para usar em qualquer lugar porque os meus pais regra geral também estão sempre ao telemóvel a ver as suas coisas e não são de todo chatos com o tempo que passo ou que não passo ao telemóvel”, revelam sentir-se confortáveis em utilizar o telemóvel em qualquer lugar da casa no sentido em que os seus próprios pais também são utilizadores frequentes do telemóvel e que não criam entraves para a utilização dos mesmos.

No momento em que falamos do tempo de utilização por parte dos jovens relativamente às redes sociais, através de respostas como, “acho que passo mais de duas horas só nas redes sociais” e “durante o dia acredito que passo duas horas conectado só às redes sociais”, verificamos a existência de jovens que dedicam mais de duas horas e outros que dedicam às redes sociais até duas horas. Posto isto, relativamente ao tipo de utilização que os jovens fazem dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, é possível através de repostas como, “não digo que seria impossível ficar um dia inteiro sem conferir as redes sociais mas há sempre tendência para ir conferir se alguém disse alguma coisa ou por exemplo, se comentou x fotografia que eu publiquei. Por isso é que considero que não conseguiria ficar um dia inteiro sem aceder ao instagram ou até mesmo ao whatsapp que é por onde falo com os meus amigos na maioria do dia”, verificar que existem jovens que mostram não ser impossível deixar de aceder às redes sociais mas que existe sempre a tendência de ir conferir as mesmas, além de que são as próprias que possibilitam a comunicação entre os mesmos. Outros jovens consideram que ficar “um dia inteiro sem aceder às redes sociais seria ficar completamente desatualizada, além de que iria custar porque há sempre aquela vontade de conferir o que as pessoas andaram ou andam a fazer ou até mesmo de publicar ou conversar com certa e determinada pessoa.”, ou seja, os jovens consideram o estar sem aceder às redes sociais sinónimo de estar desatualizado e que há sempre a vontade de conferir o que os outros fazem ou fizeram nas mesmas.

Os jovens, no momento em que falamos de relações, mostram que “automaticamente sentimo-nos mais confortáveis para falar com alguém de fora então diria que acabo por ter um maior à vontade para desabafar com os meus amigos nas redes sociais do que para desabafar com os meus pais que provavelmente vão acabar por não me compreender”, isto é, sentem-se mais à vontade em partilhar certas informações com os amigos através das redes

sociais do que partilhar com os seus pais no dia a dia por medo de não serem compreendidos. Por outro lado, temos jovens que revelam ter um à vontade com os seus pais para conversarem sobre as suas frustrações, problemas e que utilizam as relações virtuais, neste caso as relações que têm através das redes sociais, como relações onde é apenas partilhado o que dá a sensação de felicidade como é possível observar através da seguinte resposta, “sinto-me mais confortável para partilhar certas coisas com os meus amigos através das redes sociais mas no entanto quando tenho algum problema falo com os meus pais porque utilizo as redes sociais só como o meio onde partilho coisas boas, aliás acho que a maioria das pessoas acabam por fazer isso. As redes sociais são um espaço onde só está presente o bom e onde o mau raramente é partilhado”.

Relativamente à hierarquia que pode ser de filhos para pais e não o contrário nomeadamente, em relação aos média digitais, às redes sociais é possível através de respostas como, “normalmente ajudo os meus pais quando têm alguma dificuldade mas na maioria das vezes acabo por perder a paciência porque eu explico várias vezes, além de que não consigo perceber a dificuldade de mexer, por exemplo, numa rede social que é super fácil”, observar que existem jovens que se disponibilizam para ajudar os pais relativamente a alguma dificuldade mas que logo em seguida confessam perder a paciência pelo facto de não compreenderem a dificuldade por parte dos pais relativamente a algo que lhes é fácil e natural. Outros jovens mostram que “os meus pais sempre que me pedem ajuda eu disponibilizo-me para os ajudar mas o que eu noto é que os próprios desistem e dizem que não percebem nada daquilo e a meu ver acabam por ficar frustrados, chateados com isso.”, ou seja, existem jovens que se disponibilizam para ajudar os seus pais, mas reparam que os próprios desistem de compreender o que lhes é explicado e ficam chateados por não conseguirem aprender de forma fácil. Os restantes jovens através de respostas como, “sinceramente muitas vezes não quero ajudar ou ensinar porque assim os meus pais podem vir a ter controlo daquilo que faço ou com quem falo”, confessam que muitas as vezes não querem ajudar ou ensinar os seus pais porque, se o fizessem os pais podiam vir a ter acesso ao que partilham ou até mesmo com quem conversam nas redes sociais.

No momento em que foi abordada a questão se os jovens achavam que os pais compreendiam a utilização que os jovens fazem dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, verifica-se que por parte dos jovens os seus pais não compreendem o tipo de utiliza-

ção que os mesmos fazem das redes sociais o que gera problemas na comunicação entre ambos. Existem jovens que confessam através de respostas como, “na maioria das vezes acabo por ir para o meu quarto porque se estiver na sala a mexer no telemóvel o meu pai ou a minha mãe vão dizer coisas como, estás sempre agarrado a isso, quando muitas das vezes eles próprios estão quase sempre a mexer no telemóvel ou a ver televisão.”, que os seus pais não compreendem e que criticam a utilização das redes sociais mas que, no entanto, os próprios também estão constantemente conectados. Outros jovens confessam que “Os meus pais não percebem que sou capaz de estar por exemplo a falar com amigos no whatsapp e ter uma conversa com eles ao mesmo tempo e por causa disso na maioria das vezes ressaltam que uma conversa olhos nos olhos é importante e de facto não discordo mas considero que os tempos mudaram e que consigo estar a ter várias conversas ao mesmo tempo, sejam elas olhos nos olhos ou não.”, o que mostra que os pais não compreendem o facto dos jovens conseguirem estar ligados a várias realidades, ou seja, manter conversas em contexto real e virtual ao mesmo tempo. É então possível verificar a existência de falhas na comunicação entre os jovens e os seus pais que estão ligadas à falta de compreensão por parte dos pais relativamente à utilização das redes sociais por parte dos jovens, o que leva a um afastamento por parte dos jovens e a uma falta de socialização dos próprios com os seus pais.

Existem jovens que confessam o facto dos seus pais não compreendem a utilização que os mesmos fazem das redes sociais. Posto isto, no momento em que abordamos a questão da imposição de limites e regras por parte dos pais relativamente à utilização que os jovens fazem dos média digitais, existem jovens que mostram através de respostas como, “os meus pais nunca me puseram limites ou regras.”, que os seus pais nunca lhes impuseram qualquer tipo de limites ou regras de utilização. Outros jovens revelam através de respostas como, “os meus pais não impõe qualquer tipo de limites ou regras mas quando estamos todos na sala por exemplo, a ver televisão e eu estou a mexer no telemóvel, acabam por dizer que estou sempre agarrado ao ecrã ou que podia estar mais atento às conversas que os dois estão a ter e participar e eu acabo por deixar o telemóvel de lado”, que os seus pais não lhes impõe qualquer tipo de limites ou regras mas que, no entanto, quando estão conectados os seus pais questionam a utilização que os próprio fazem por exemplo, do telemóvel, de maneira a que os mesmos larguem o aparelho electrónico. Por outro lado, temos jovens que através de respostas como, “a única coisa que pedem desde sempre é que à hora da refeição, principalmente ao jantar que

não se use os telemóveis porque consideram que é o único momento em que conseguimos estar todos juntos a conversar sobre o nosso dia ou até mesmo sobre temas da atualidade” e “os meus pais não me deixam levar o telemóvel para o quarto quando vou dormir porque acham que vou ficar a mexer nele e a falar com os meus amigos”, mostram que os jovens têm limites de utilização e que os mesmos passam por no momento da refeição não se utilizar aparelhos eletrónicos e os jovens restantes quando vão dormir não podem levar o telemóvel para os seus quartos. É possível verificar que os pais na maioria das vezes são permissivos relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais mas que também são permissivos embora mostrem uma autoridade que é visível. Observamos ainda que existem pais autoritários mas permissivos, isto é, impõe limites e regras mas permitem que fora daquele horário ou momento os jovens utilizem os média digitais à sua vontade.

3.2 Grupos de Foco

Com os pais ao lado dos filhos, os grupos de foco ajudaram a explorar em maior detalhe as questões de investigação relacionadas com os efeitos do uso da tecnologia na socialização das famílias e na sua hierarquização.

No momento em foi abordada a questão de como é que os pais consideram a utilização feita pelos jovens relativamente aos média digitais, neste caso das redes sociais, os pais consideram “uma má utilização” e justificam com o facto dos jovens não saberem “distinguir o momento de largar os telemóveis, de sair das redes sociais além de que muitas vezes não prestam atenção ao que lhes é dito”, ou seja, os pais consideram que existe por parte dos jovens uma má utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais e que essa utilização está relacionada pelos próprios pais com o facto dos jovens fazerem uma utilização exagerada, de não saberem distinguir o momento de utilizar e não utilizar os média digitais nomeadamente, as redes sociais e ainda pelo facto de não conseguirem manter uma conversa olhos nos olhos. Posto isto, os jovens rebateram através de respostas como, “não concordo, muitas vezes nós estamos a prestar atenção ao que dizem mas a verdade é que conseguimos fazer várias coisas ao mesmo tempo. Eu consigo estar a ter uma conversa no whatsapp, ver o instagram e ainda prestar atenção ao que os meus pais dizem”, que mostram o facto de serem de uma geração diferente que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo e ainda prestar atenção às conversas que os pais têm, isto é, conseguem estar conectados ao mundo real e ao mundo virtual ao mesmo tempo.

É possível após as considerações feitas pelos pais relativamente à utilização que os jovens fazem dos média digitais, neste caso das redes sociais, observar que os pais têm receios dessa má utilização feita pelos jovens. Através de afirmações como, “existe algum receio porque não sei com quem conversa, quais é que são os conteúdos que vê ou até que publica”, observamos que os receios da maioria dos pais passam pelo facto de não conseguirem controlar o que os jovens fazem nos média digitais nomeadamente, nas redes sociais, além de terem medo que os jovens ponham a sua própria vida em perigo. Verifica-se então, a existência de pais que mostraram que “quando tento alertar para os perigos diz sempre que nós pais somos uns chatos e que sabe perfeitamente das coisas”, isto é, os pais tentam alertar os jovens para os perigos do mundo virtual mas os jovens dão respostas como, “os nossos pais têm medo em

relação às redes sociais mas nós sabemos bem o perigo que nelas existe. Posso falar com um desconhecido mas sei perfeitamente o que posso e não posso dizer”, o que mostra que na maioria das vezes os mesmos não estão abertos a ouvir os conselhos transmitidos e mostram ainda saber dos perigos existentes no virtual. Outros pais abordam o facto dos jovens hoje publicarem “a vida toda nas redes sociais, desde o que comeram até onde estão em tempo real” e confessam ter “medo que se meta em problemas ou situações que não saiba sair como, por exemplo, encontrar-se com um estranho ou até mesmo dar informações que não deve”. Observamos que existem um receio relativamente à questão dos jovens publicarem a sua vida em tempo real nas redes sociais, de virem a encontrar-se com estranhos e de darem informações que não devem mas, no entanto, os pais também confessam que “por ter estes medos faço com que me oiça e mesmo que não queira ouvir sei que fiz a minha parte que foi alertar para o pior”, ou seja, os pais fazem a sua parte ao alertarem os jovens para os perigos existentes. Tendo em conta os receios dos pais, existem jovens que mostram através de respostas como, “os nossos pais têm medo em relação às redes sociais mas nós sabemos bem o perigo que nelas existe. Posso falar com um desconhecido mas sei perfeitamente o que posso e não posso dizer”, o facto de saberem dos medos dos pais mas também de saberem utilizar as redes sociais no sentido em que sabem o que podem ou não dizer e existem jovens que são alertados para “os perigos desde que me iniciei nas redes sociais e já sei dos perigos todos mas mesmo assim sempre que falam ou chamam atenção sobre esse mesmo assunto eu tento ouvir e compreender a posição dos meus pais que fazem parte de uma geração que não está tão à vontade com as redes sociais.”, ou seja, existem jovens que são alertados por parte dos pais desde que se iniciaram nas redes sociais e que reconhecem os perigos das mesmas mas que mesmo assim ouvem os seus pais, compreendem a sua posição e o facto de serem de uma geração que não está tão familiarizada com as mesmas.

Após ser possível verificar os medos por parte dos pais relativamente à utilização que os jovens fazem dos média digitais, neste caso das redes sociais, foi lhes posta a questão da compreensão, isto é, se os pais compreendiam a utilização dos média digitais, das redes sociais feita pelos jovens. Tendo em conta a questão, foi possível observar que existem pais que inicialmente compreendem que “os média digitais, nesta caso mais específico as redes sociais tenham trazido algumas vantagens relativamente à comunicação à distância mas à comunicação mais próxima nem tanto. Os miúdos estão constantemente agarrados aos telemó-

veis a teclar com os seus amigos e é preciso que existam regras ou limites para tal utilização se não caso contrário qualquer dia só sabem comunicar através de um ecrã e não ouvem aquilo que dizemos quando queremos conversar com eles”, ou seja, os pais compreendem o facto das redes sociais serem um meio que facilita a comunicação à distância mas que no entanto depois acabam por mostrar uma falta de compreensão no momento em que referem que as redes sociais por outro lado acabam por limitar a comunicação real. Os jovens rebatem com o facto dos “pais não compreendem que somos uma geração diferente da deles que consegue estar a ter várias conversas ao mesmo tempo, sejam conversas com pessoas no virtual ou fora dele”, o que mostra que os pais não compreendem esta geração que consegue manter conversas tanto no mundo virtual como no mundo real, além de confessarem que muitas vezes os seus pais “estão ao telemóvel a ver videos que os colegas de trabalho enviaram ou a responder a não sei a quem” e que quando pedem aos próprios para os ouvirem “dizem para eu esperar um bocadinho.”, ou seja, verifica-se que os pais não conseguem estar no mundo virtual e no mundo real ao mesmo tempo e o facto de trocarem uma conversa real por uma virtual. Temos também pais que não compreendem de todo esta geração de jovens que troca as relações reais pelas virtuais e mostram que têm certa dificuldade em “compreender uma geração que supostamente tem mais liberdade do que a minha teve de estar constantemente em casa agarrada a um ecrã, seja o do computador ou telemóvel em vez de ir encontrar-se com os amigos, de irem passear ou de estarem juntos de maneira a que se vejam na realidade porque há coisas que no virtual se perdem como o prazer de ter uma conversa olhos nos olhos, por exemplo”, como também temos jovens que confessam que “não estamos sempre agarrados aos telemóveis nem a conversar só pelas redes sociais embora achem sempre que estamos. Nós conseguimos perfeitamente ter uma conversa cara a cara sem ser só pelas redes sociais”, ou seja, os jovens revelam não estar sempre conectados aos média digitais nomeadamente, às redes sociais e saberem conversar também fora das mesmas.

4. Discussão / Conclusão

Os jovens participantes deste estudo, entre os quinze a vinte e quatro anos de idade, são caracterizados pelas suas práticas mediáticas que passam por uma utilização frequente do telemóvel, por uma frequente utilização dos média digitais em casa e por uma maior participação na vida social através do virtual, neste caso através das redes sociais. Verifica-se então que relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, já era esperado que os jovens das idades citadas acima utilizassem mais o telemóvel como o meio principal de acesso às mesmas, isto porque segundo Lèvy (1999), quando aliado à internet permite e facilita a conexão ao virtual de modo a que os jovens se conectem em qualquer lugar e a qualquer hora, isto é, existe a possibilidade de uma conexão constante a um mesmo espaço que é denominado o ciberespaço, independente do espaço físico. Para Paiva e Costa (2015), os média digitais a nível do mundo virtual mostram que os jovens são uma geração que mantém com os mesmos uma proximidade considerada natural, onde se comunicam, aprendem e partilham e que além disso o acesso aos média digitais nomeadamente, às redes sociais tornou-se facilitado na medida em que o telemóvel permite uma conexão independentemente do lugar onde possam estar e por isso mesmo os jovens começam a tornar-se cada vez mais dependentes dos média digitais nomeadamente, das redes sociais. Tendo em conta que Paiva, Costa (2015) e Lèvy (2000) relacionam a dependência das redes sociais com o excesso de tempo de utilização das mesmas, é então possível verificar essa mesma relação através do número esperado de horas que os jovens passam nas redes sociais que equivale a duas ou mais horas.

Lèvy (2000) considera que o tempo que os jovens dedicam aos média digitais nomeadamente, às redes sociais, e a familiaridade com as mesmas faz com que troquem o mundo real pelo virtual, onde a interação deixa de ser real e passa a ser maioritariamente virtual. Segundo Miranda et al. (2015), é possível observar essa troca através do acesso constante ao virtual por parte dos jovens independentemente do espaço físico em que se encontram, isto é, a troca do mundo real pelo mundo virtual está relacionada com o excesso de tempo de utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, independentemente do espaço físico. Para Nardon (2006), a troca do mundo real pelo mundo virtual também está relacionada com

o facto de ser na juventude que os jovens ampliam o seu convívio social através da participação em diferentes grupos e onde na maioria dos casos os jovens passam mais tempo nos seus grupos de convívio virtuais do que reais. Tendo em conta Lèvy (2000), Miranda et al. (2015) e Nardon (2006), já era esperado que os jovens confessassem não conseguir ficar sem aceder às redes sociais um dia inteiro e que mesmo que o tentassem fazer, existiria sempre a tendência para ir conferir as mesmas.

Cartaxo (2008) e Lemos (2019), mostram que as redes sociais transformaram a forma dos indivíduos viverem e de se relacionarem em sociedade e que a utilização excessiva das mesmas criou um distanciamento nas relações afetivas, seja com familiares ou amigos, além de ter também gerado um isolamento por parte dos utilizadores das mesmas que neste caso são os jovens. Posto isto, no momento em que falamos da utilização do telemóvel em contexto familiar como o meio mais utilizado para aceder às redes sociais, verificamos a existência de jovens que se sentem mais confortáveis para utilizá-lo no seu quarto tendo em conta que na maioria das vezes estão a utilizá-lo na sala mas que, no entanto, quando existe uma falta de compreensão por parte dos seus pais relativamente à utilização que é feita pelos jovens, os próprios refugiam-se no seu quarto.

Segundo Steinberg e Morris (2001), é importante que haja uma compreensão de ambas as gerações porque caso contrário os jovens refugiam-se no mundo virtual e é então criado um distanciamento familiar que leva a um isolamento. Para Tori (2010), o facto dos pais não compreenderem a relação de proximidade dos jovens relativamente aos média digitais, às redes sociais e de criticarem a mesma faz com que os jovens se afastem e que assim também sejam criadas falhas na comunicação entre os próprios e os seus pais. Faz-se, então, necessário compreender que a ocupação de um mesmo espaço temporal e a relação distinta que os jovens e os seus pais apresentam com a tecnologia, neste caso com os média digitais, acaba por gerar uma série de problemas e um deles passa pelos pais não compreenderem que com o aparecimento dos média digitais nasce uma nova realidade virtual, onde os jovens se sentem parte e possuem uma relação de proximidade. É então, importante e necessário que os pais compreendam os média digitais nomeadamente, as redes sociais, na medida que as mesmas têm um papel importante e ativo na vida dos jovens e que criticar a sua utilização irá gerar conflitos e fazer com que os jovens não socializem com os seus pais.

Relativamente às falhas de comunicação entre pais e filhos, Revitale (2006), Pinto (2008) e Eugénio (2018), mostram que estas são geradas e possíveis de observar através da falta de compreensão de ambas as partes relativamente à utilização das redes sociais que modificaram as relações, isto é, os jovens têm as relações virtuais como relações de proximidade para expressar sentimentos, frustrações e problemas enquanto que as relações reais são relações distantes e de pouca intimidade. Nas relações virtuais como esperado, os jovens confessaram sentir-se mais à vontade para partilhar seja o que for com amigos, através das redes sociais, ao invés de partilharem com os seus pais e isto acontece porque segundo os jovens, existe um receio do julgamento, da crítica ou até mesmo de uma falta de compreensão relativamente ao que podem vir a expôr, sejam problemas ou frustrações. De acordo com Silva (2016), os jovens são capazes e possuem uma maior facilidade em criar relações sociais no mundo virtual do que no mundo real, isto é, os jovens através da proximidade e convivência nas redes sociais, criam uma facilidade maior em manter e criar relações virtuais na medida em que nesse momento é criada uma sensação de pertença, intimidade, onde existe um à vontade para expôr certos comportamentos ou características que nas relações reais não seriam possíveis de mostrar (Moreira, 2011). Por outro lado, como esperado, existem jovens que confessaram partilhar os seus problemas com os seus pais e utilizarem os média digitais, no caso as redes sociais como o meio onde partilham apenas o que é bom, ou seja, de acordo com Mussio (2017), Leitão e Costa (2005) as redes sociais são utilizadas como um espaço onde existe apenas felicidade, onde é possível esconder possíveis frustrações ou problemas.

Segundo Prensky (2001), a geração dos jovens e a dos pais são duas gerações diferentes que ocupam uma mesma era digital, isto é, temos a geração dos jovens que são denominados como nativos digitais por já terem nascido no ambiente dos média digitais e por apresentarem uma maior familiarização com os mesmos e temos a geração dos pais que são denominados como imigrantes digitais por serem uma geração que teve de se adaptar aos média digitais. Tendo em conta as diferenças entre as gerações relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, verificamos abalam a hierarquia entre os jovens e os seus pais na medida em que os jovens assumem uma autoridade para ensinar os seus pais e a partir dessa posição decidem o quê, como e quando ensinar de maneira a reter informações de propósito (Le Breton, 2017). Verificamos então, que a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais no contexto familiar, pode de facto gerar uma hierarquia en-

tre os jovens e os seus pais e não o contrário. Essa hierarquia pode ser gerada e possível de observar através da relação distinta que ambas as gerações têm com os média digitais, neste caso com as redes sociais e através da autoridade que os jovens assumem no momento de ensinar ou não os seus pais relativamente a alguma dificuldade que tenham perante as mesmas.

No momento em que os pais apresentam alguma dificuldade relativamente aos média digitais nomeadamente, às redes sociais, existe a presença de uma autoridade que é notória na medida em que existem jovens que confessaram não ajudar os seus pais com receio de darem informação útil que poderá servir como um controlo da parte dos pais relativamente ao que os mesmos fazem no virtual. Outros jovens confessam que ajudam mas que rapidamente como esperado, acabam por perder a paciência e outros confessaram que são os próprios pais a desistir de compreender. Segundo Winocur (2014), o aborrecimento dos jovens no momento de ensinar os seus pais relativamente a qualquer tipo de dificuldade ligada aos média digitais nomeadamente, às redes sociais está ligado à falta de cuidado dos pais em quererem saber mais e o facto de nesse momento os pais se encontrarem numa posição infantil, onde os mesmos dependem dos seus filhos e não o contrário. Verifica-se então, que a hierarquia entre filhos e pais relativamente ao uso diferenciado dos média digitais nomeadamente, das redes sociais faz com que se leve outro fator em conta que passa pela relação que os pais e filhos têm com as mesmas mas ao contrário, isto é, também existem mesmo que sejam poucos os casos, jovens mais conectados e outros menos conectados e com os pais a mesma situação como por exemplo, o momento em que alguns dos jovens entrevistados como esperado, revelaram que muitas vezes são os pais que estão constantemente conectados.

Embora existam pais mais conectados que os seus filhos e vice-versa, Prensky (2001), considera que embora o saber digital seja a semelhança que pais e filhos têm em relação à tecnologia e que o mesmo seja o que nos leva então a questionar os conceitos de nativo digital e imigrante digital, verifica-se relativamente à hierarquia entre filhos e pais que na maioria dos casos nos dias de hoje, já existem pais envolvidos com as várias formas de média digital, neste caso com as redes sociais mas que os mesmos não dominam as mesmas e por isso mesmo vão atrás para as compreender mas ficam apenas pela busca da compreensão enquanto que os filhos têm um à vontade com os média digitais, uma maneira mais sensível de lidar e vão atrás de uma maior compreensão (Coelho, Costa e Neto, 2018).

No momento em que foram criados os grupos de foco entre pais e filhos a fim de compreender como é que os pais consideram a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, se existe algum receio e se de facto os pais compreendem ou não a utilização feita pelos jovens relativamente às mesmas no contexto familiar, era esperado e foi possível observar que os pais consideram existir uma má utilização dos média digitais, neste caso das redes sociais por parte dos jovens. Os pais consideram que os jovens não sabem distinguir o momento de estar e não estar conectados, que passam horas imersos nas redes sociais, que estão constantemente a conferir o telemóvel e que não prestam atenção quando os seus pais tentam puxar ou manter uma conversa. Após as considerações feitas pelos pais, foi possível observar que os jovens não concordam na medida em que conseguem estar imersos no mundo real e no mundo virtual ao mesmo tempo, ou seja, conseguem manter uma conversa nas redes sociais ao mesmo tempo que prestam atenção ao que lhes está a ser dito pelos seus pais. A participação dos jovens tanto no mundo real como no mundo virtual para Winocur (2014) é explicada através das redes sociais que trouxeram mudanças a nível de comunicação, socialização e aprendizagem aos jovens e que ainda criaram um novo espaço denominado por ciberespaço que permite que os jovens não tenham então a necessidade de separar o tempo em que devem e não devem utilizar os média digitais, neste caso as redes sociais como os seus pais que além das dificuldades de adaptação às mesmas ainda conseguem fazer uma separação entre o momento de utilizar e o de não utilizar as redes sociais.

Quando foi abordada a questão do receio relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais, os pais mostraram a sua preocupação relativamente à utilização excessiva como também o facto de não saberem o que os seus filhos vêm, dizem e com quem comunicam nas mesmas. Tendo em conta os receios dos pais, é possível observar que alguns dos jovens rebateram com o terem noção dos perigos nas redes sociais mas que têm essa noção porque os pais alertaram ou conversaram sobre esses mesmos perigos desde que se iniciaram nas redes sociais e por outro lado como esperado, temos jovens que alegaram saber dos perigos e que sabem perfeitamente como agir nas redes sociais. De acordo com a teoria de Vigotsky (1986), a introdução dos média digitais, no caso das redes sociais em contexto familiar, tem a necessidade dos pais enquanto mediadores de encontrarem estratégias para uma utilização positiva com a finalidade de reduzir ou prevenir efeitos negativos que a má utilização pode trazer aos jovens. Para Vigotsky (1991), a aprendizagem é considerada

fruto da mediação que os pais fazem aos jovens, isto é, os pais ao serem mais experientes e interferirem na utilização feita pelos jovens faz com que os mesmos aprendam sobre coisas que não dominam (Postolache, 2018) mas que por outro lado, segundo Postolache (2018), de acordo com a teoria de Piaget, os jovens são os próprios a gerar o seu conhecimento através da sua aprendizagem que está relacionada ao seu desenvolvimento sem desconsiderar a importância do papel do meio social em que os jovens estão inseridos que neste caso é a família.

No momento em que foi lançada a pergunta sobre a compreensão dos pais relativamente à utilização dos média digitais, das redes sociais, alguns pais disseram compreender que “os média digitais, neste caso as redes sociais trouxeram vantagens à comunicação à distância mas à comunicação mais próxima nem tanto, os miúdos estão constantemente agarrados aos telemóveis a falar com os amigos” e outros disseram que “sinceramente não compreendo esta geração que troca o ar puro, a relação com as pessoas cara a cara por conversas com os amigos através de um ecrã”. Após as considerações dadas pelos pais, existem jovens que rebateram com o facto de não estarem sempre “agarrados” aos telemóveis e que também passam tempo com os amigos fora das redes sociais. Segundo Trindade e Monsmann (2016) existe de facto uma compreensão da parte dos pais relativamente ao aparecimento das redes sociais como um factor de qualidade no sentido em que as mesmas facilitaram a comunicação e a questão da distância mas que, no entanto, foi possível verificar que relativamente à utilização feita pelos jovens os pais já não são tão compreensivos na medida em que consideram que os jovens fazem uma má utilização das mesmas e que trocam as relações sociais reais pelas virtuais.

Após falarmos da utilização, do tempo e tipo de utilização, do local de utilização, das relações, da hierarquia e da comunicação relativamente aos média digitais nomeadamente, às redes sociais e de ainda tentarmos compreender os receios e as considerações dos pais dos jovens conseguimos observar que a mediação parental é importante mas que de acordo com Postolache (2018), inicialmente quando os jovens começam a utilizar os média digitais os pais utilizam do estilo parental permissivo que pode evoluir para o estilo autoritário, pois a utilização passa a ser excessiva (Dias et al. 2017). É então possível observar que no momento em que perguntámos aos jovens se os seus pais lhes põe regras ou limites na utilização que fazem dos média digitais, das redes sociais, conseguimos verificar que existem pais mais permissivos porém com autoridade visível, que não criam limites ou regras aos seus filhos relativa-

mente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais mas que ao criticarem a mesma fazem com que os jovens parem de utilizar e aqui há um reconhecimento de quem é a autoridade. Segundo Postolache (2018), para Valcke et al. (2010) esse reconhecimento é onde a afetividade está ligada ao controle, mas que na maioria das vezes os pais tendem a ser permissivos relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais em contexto familiar (Pereira et al. 2016). Depois temos os pais autoritários porém permissivos, isto é, são pais que impõe limites relativamente ao momento de utilização como, por exemplo, não deixarem os filhos utilizarem os média digitais, neste caso as redes sociais no momento da refeição mas que depois são permissivos no tipo de utilização que os jovens fazem fora daquele momento e por último temos pais autoritários que impõe regras e limites como por exemplo, não deixarem que os filhos levem aparelhos eletrónicos para o quarto no momento em que vão dormir. Verificamos então que os limites e as regras nestes jovens estão sempre associados ao excesso de tempo de utilização das redes sociais como refere Postolache (2018) no momento em que mostra que o que leva à mediação dos pais relativamente aos média digitais, neste caso das redes sociais, é a utilização excessiva por parte dos jovens. É então necessário que os pais façam o papel de mediadores (Kucirnova, Sakr, 2015; Plowman et al., 2008) mas tendo em conta que alguns dos jovens abordam o facto dos seus pais também estarem constantemente conectados aos média digitais, faz-se então necessário que os pais tenham noção que desde muito cedo existe a reprodução de comportamentos entre a maneira como os pais utilizam os média digitais, neste caso as redes sociais e de como os filhos as vão também utilizar (Postolache, 2018).

A utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais e a falta de compreensão por parte dos pais relativamente à utilização que os jovens fazem das mesmas, isto por serem de gerações diferentes e apresentarem uma utilização diferente, leva-nos então à falta de sociabilidade apresentada pelos jovens com os seus pais mas, no entanto, o estilo mais adotado pelos pais quando falamos de mediação parental é o estilo permissivo que permite uma utilização sem qualquer tipo de limitação. Tendo em conta que segundo Postolache (2018), Vigotsky (1991) considera a família como o meio social onde os jovens estão inseridos desde que nascem e onde estabelecem as primeiras relações e interações com os outros, neste caso com os pais, faz-se necessário que os mesmos apliquem limites e regras de utilização relativamente aos média digitais, neste caso às redes sociais desde que os jovens se

iniciam nos média digitais nomeadamente, nas redes sociais ao invés de apenas criticarem a utilização feita por eles.

A utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais por parte dos jovens gera uma falta de sociabilidade entre os próprios e os seus pais e é possível observar que embora o excesso de utilização seja o que gera a falta de sociabilidade ainda é possível ter em conta o facto de duas gerações ocuparem o mesmo espaço temporal nomeadamente, a geração dos jovens e dos seus pais, e de apresentarem relações distintas com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais. Essas diferenças geram então uma falta de compreensão relativamente à utilização neste caso das redes sociais e a mesma também leva a um isolamento que por consequência leva a um distanciamento, falta de sociabilidade entre pais e filhos. Relativamente à hierarquia entre filhos e pais e não o contrário que pode ser gerada pela relação que os jovens apresentam com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais, é possível observá-la na medida em que embora existam pais mais conectados que os seus filhos os mesmos ficam apenas pela compreensão ao contrário dos seus filhos, além de terem de fazer uma separação relativamente ao mundo real e ao mundo virtual.

Relativamente às falhas e limitações do estudo em causa podemos ter em conta que a nível metodológico existem falhas, isto é, a amostra não é representativa e serve apenas para o grupo dos jovens entre os quinze e vinte e quatro anos que vivem em casa dos seus pais, o que faz com que a contribuição do mesmo seja apenas de valor exploratório. Além da amostra não ser representativa e ser apenas de cariz exploratório, teria sido mais vantajoso trabalhar jovens com idades entre os quinze e vinte e quatro anos que pertencessem ao género feminino e masculino com a finalidade de realizar possíveis comparações e compreender melhor a relação do género com a utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais. Outra das falhas foi o facto de juntar pais e filhos no grupo de foco o que não permitiu que os pais se expressassem livremente e sendo assim teria sido mais vantajoso ter os pais separados dos filhos. Por outro lado, uma das vantagens é que os pais eram confrontados em tempo real e por outro lado, uma das desvantagens é que além de estarem a falar para a investigadora também estavam a falar para os seus filhos o que fez com que não se expressassem com total liberdade. Por último, tendo em conta os pais que têm o papel de mediadores, que utilizam apenas num primeiro momento o estilo permissivo, que os jovens seguem o seu comportamento no contexto familiar e que já existem pais mais conectados, ficou por fazer nos grupos

de foco a seguinte pergunta, será que os pais têm consciência do tempo que passam imersos e da utilização que fazem dos média digitais, nomeadamente das redes sociais?

Para estudos futuros será interessante estudar a relação dos pais, dos jovens dos quinze aos vinte e quatro anos, com os média digitais nomeadamente, com as redes sociais em contexto familiar tendo em conta que os jovens seguem os comportamentos desde muito novos. Essa relação seria estudada com a finalidade de verificar se pode ou não existir uma dependência relativamente aos média digitais, às redes sociais por parte dos próprios pais no contexto familiar e se de facto são os filhos que trocam o mundo real pelo mundo virtual ou o contrário.

O tema “Interferência da Tecnologia no Contexto Familiar” tem a sua importância na medida em que os jovens de quinze e vinte e quatro anos são caracterizados por estarem constantemente imersos na tecnologia nomeadamente, nos média digitais, nas redes sociais, principalmente em casa e noutros espaços. Além disso também existe a importância de mostrar que embora os média digitais nomeadamente, as redes sociais, tragam as suas vantagens relativamente à comunicação à distância e informação, também acabam por modificar as relações sociais nomeadamente, as relações entre os jovens e os seus pais que apresentam uma relação distinta com os média digitais mais precisamente com as redes sociais, por serem ambos de gerações opostas, ou seja, duas gerações que ocupam a mesma era digital.

O estudo em questão a nível académico contribui para mostrar que a utilização excessiva dos média digitais nomeadamente, das redes sociais por parte dos jovens com idades entre os quinze e vinte e quatro anos no contexto familiar de facto afeta a sociabilidade dos próprios com os seus pais mas que existe outro factor que leva à falta de sociabilidade entre os mesmos nomeadamente, a falta de compreensão relacionada à utilização das mesmas. Além disto, através da relação de confiança e à vontade que os jovens apresentam com os média digitais, neste caso com as redes sociais existe a presença de uma hierarquia entre filhos e pais e não o contrário na medida em que os filhos decidem o que ensinar e o que não ensinar aos seus pais.

Referências Bibliográficas

Aguiar, S. (2008). *Redes sociais na internet*. Brasil: Universidade Federal Fluminense. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1977-1.pdf>

Alves, M. (2011). *Família plugada: tecnologia, pais & filhos*. Brasil: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18085/1/Marissol%20Mello%20Alves.pdf>

Amaral, I., Reis, B., Lopes, P. e Quintas, C. (2017). *Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais*. Portugal: Universidade Autónoma de Lisboa, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto Superior Miguel Torga e Instituto Politécnico de Setúbal. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45865/1/Amaral_Ines_et.al_2017_estudos-de-comunicacao.pdf

Brito, R. & Dias, P. (2019). *Crianças, famílias e tecnologias. Que desafios? Que Caminhos?*. Portugal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. Disponível em:

https://dspace.ismtp.pt/bitstream/123456789/1090/1/Cap.eBook_eFamílias_pp184_197_2019.pdf

Cardoso, G., Espanha, R. & Lapa, T. (2008). *Dinâmica familiar e interação em torno dos media: autonomia dos jovens, autoridade e controlo parental sobre os media em Portugal*. Comunicação e Sociedade, vol. 13, pp. 31-53. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Disponível em:

https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13602/1/Cardoso__Espanha__Lapa__2008__Dinamica_familiar_e_interacao_em_torn.pdf

Cabello, P., Claro, M. & Hutt, T. C. (2016). *Mediação parental no uso de TIC segundo a percepção de crianças e adolescentes brasileiros: reflexões com base na pesquisa TIC Kids Online 2014*. In Comitê Gestor da Internet. TIC Kids Online Brasil 2015: pesquisa sobre o uso

da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. (pp. 31-46). Brasil: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Disponível em:

file:///Users/mariajosebrilhanterosa/Downloads/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf

Castells, M. (2001). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar, ed., 2003. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://www.academia.edu/41717035/A_Galaxia_da_Internet_Manuel_Castells

Coelho, P., Costa, M. & Neto, J. (2018). *Saber digital e suas urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais*. Brasil: Universidade de São Paulo. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/MWjfN6dGG6bbz4WsJKHpmLN/?lang=pt>

Costa, A. (2014). *Redes Sociais na Internet: o que fazem as crianças/jovens e o que pensam os encarregados de educação*. Portugal: Universidade do Minho. Instituto de Educação. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30223/1/Ana%20Maria%20Leite%20Costa.pdf>

De Souza, S. & Schnitman, I. (2021). *O uso da internet por adolescentes e as transformações nas relações de poder da família contemporânea*. Revista Relações Sociais, vol. 04 n. 02. Brasil: Universidade Federal do Sul da Bahia. Disponível em:

<https://periodicos.ufv.br/revs/article/view/11605/6611>

De Paula, M., De Marco, T. & Schlosser, A. (2019). *Adultização e erotização infantil: a influência social*. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, 4, e20431-e20431. Disponível em:

<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/20431/12271>

De Oliveira, M. (2011). *Juventude, tecnologia e educação: perspectivas para o ensino médio*. Brasil: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em:

https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/10555/1/Dissert_Maria%20de%20Fati-ma_Bdttd.pdf

Do Rio, F. (2021). *O impacto das novas tecnologias nas relações interpessoais dos jovens*. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança. Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23859/1/Francisco%20Manuel%20Martins%20do%20Rio.pdf>

Dominski, D.K., Brito, D.E.N., Santos, I.N., Rodrigues, J.A., Moura, E., Lopes, R.M.F. & Esteves, C.S. (2013). *Reflexões sobre a tecnologia e adolescentes: mitos e verdades*. Id on Line Revista de Psicologia, vol. 7, n.20, p. 22-32. ISSN 1981-1189. Brasil: Faculdade INEDI e Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/230>.

Eisenstein, E., & Estefenon, S. (2011). *Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes*. Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, v.10 (Supl. 2), pp. 42-52. Disponível em: https://bjhbs.hupe.uerj.br/WebRoot/pdf/105_pt.pdf

Fialho, L. & de Sousa, F. (2019). *Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais*. Revista Exitus, v. 9, n. 1, pp. 202 - 231. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/721>

Freire, C. & Siqueira, A. (2019). *A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil*. Revista Farol - Faculdade Rolim de Moura - RO, v. 8, n. 8, p. 22-39. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/152/132>

Köhler, J. & do Amaral, É. (2011). *A influência da internet nas relações familiares*. Brasil: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2410/Kohler_Jussara_Farias.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34. Brasil: São Paulo. Disponível em:
https://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf

Mateus, M (Ed.). (2015). *Conflitos sociais: discursos, representações, estratégia de mudança*. III Jornadas ibéricas de educação social: livro de atas. Portugal: Instituto Politécnico. Disponível em:
https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/16286/3/III%20Jornadas%20Ibe%cc%81ricas%20de%20Educac%cc%a7a%cc%83o%20Social%20_Livro%20de%20atas%283%29.pdf

Martins, D. (2013). *Adolescentes internautas, família, e depressão: estudo da relação entre a utilização da internet e das redes sociais, o ambiente familiar e a sintomatologia depressiva*. Portugal: Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia. Disponível em:
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9495/1/ulfpie044692_tm.pdf

Melo, D., Rodrigues, E., Silva, G., Abreu, M., Ribeiro, S. & Bernardino, S. (2018). *Dependência tecnológica: A doença da contemporaneidade no contexto familiar*. Brasil: Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1276.pdf>

Monteiro, B. & Mota, C. (2021). *Estilos parentais e o risco no uso das redes sociais em adolescentes e jovens adultos: Papel mediador da personalidade*. Revista Psicologia, Vol. 35 (1), pp. 71-84. Portugal: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Disponível em:
<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/1641/1034>

Morgado, L., Andrade, L. & Narezi, J. (2014). *Ciclo vital da família: a comunicação entre pais e filhos na fase adolescente*. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Brasil: Universidade de Taubaté. Disponível em:
http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPB1488_1427286040.pdf

Mussio, R. (2017). *A geração Z e as suas respostas comportamentos e emotiva nas redes sociais virtuais*. Brasil: Universidade Estadual Paulista. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151376>

Neumann, D. & Missel, R. (2019). *Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes*. Pensando famílias, v. 23, n. 2, pp. 75-91. Brasil: Universidade Luterana do Brasil. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a07.pdf>

Neu, A., Berleze, D. & Kunz, E. (2015). *Criança adulta ou um adulto em miniatura? Reflexões sobre a adultização das crianças*. Memoria Académica. 11º Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias, 28 de septiembre al 10 octubre de 2015. Argentina: Universidade Nacional de La Plata. Disponível em:
https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.7193/ev.7193.pdf

Palfrey, J. & Gasser, Urs. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Educação e Tecnologia, v. 18, n. 3. Brasil: Porto Alegre. Disponível em:
<https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/607/519>

Paiva, N. & Costa, J. (2015). *A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?*. Brasil: Faculdade Integral Diferencial (FACID) e Faculdade de Santo Agostinho (FSA). Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>

Pereira, M. (2014). *Adultização da infância e infantilização do adulto: Uma análise sobre consumo, identidade e estilo de vida na década de 90*. Brasil: Universidade Federal Fluminense. Disponível em:
https://www.academia.edu/9395966/Adultiza%C3%A7%C3%A3o_da_Inf%C3%A2ncia_e_Infantiliza%C3%A7%C3%A3o_do_Adulto_Uma_An%C3%A1lise_Sobre_Consumo_Identidade_e_Estilo_de_Vida_na_D%C3%A9cada_de_90

Pereira, S., Pereira, L. & Pinto, M. (2011). *Internet e redes sociais. Tudo o que vem à rede é peixe?*. EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Edição 2011. Portugal: Universidade do Minho. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27080/1/Internet%20e%20Rede%20Sociais.%20Tudo%20o%20que%20vem%20%c3%a0%20Rede%20%c3%a9%20Peixe.pdf>

Postolache, E. (2018). *Mediação parental do uso de tecnologias digitais por crianças com menos de dois anos em diversos contextos culturais*. Portugal: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:

<https://run.unl.pt/handle/10362/51771>

Ponte, C. (2011). *Uma geração digital? A influencia familiar na experiência mediática de adolescentes*. Open Edition Journals. Sociologia, Problemas e Práticas, 65 (NA), pp. 31-50. Portugal: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/262428933_Uma_geracao_digital_A_influencia_familiar_na_experiencia_mediatica_de_adolescentes

Prados, M. A., Vicent, P. & Esteban, S. (2014). *La comunicación en la familia a través de las TIC*. Percepción de los adolescentes. Espanha: Universidad de Murcia. Disponível em:

<https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/21126/Comunicaci%C3%B3n%20Hern%C3%A1ndez.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Prensky, Marc. (2001). *Nativos Digitais, imigrantes digitais*. De On the Horizon (NBC University Press) vol. 9, n. 5. Disponível em:

<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>

Primo, A. (1997). *A emergência das comunidades virtuais*. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf

Prioste, C. D. (2013). *O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual*. 2013, 113f. Brasil: Universidade de São Paulo. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21052013-113556/publico/CLAUDIA_DIAS_PRIOSTE_rev.pdf

Reis, S. (2016). *A relação entre TIC e funcionamento familiar - diferenças entre duas etapas do ciclo de vida familiar*. Portugal: Universidade de Lisboa. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25099/1/ulfpie051134_tm.pdf

Rosini, A. (2003). *O uso da tecnologia da informática na educação. Uma reflexão no ensino com crianças*. Portugal: Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. Disponível em:

<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/613/1/O%20uso%20da%20tecnologia.pdf>

Santos, M., Scarabotto, S. & Matos, E. (2011). *Imigrantes e nativos digitais: um dilema ou desafio na educação?*. X Congresso Nacional de Educação. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - Sirsse. Brasil: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409_3781.pdf

Souza, M., Correia, V. & Souza, C. (2013). *O real nativo e imigrante digital nas redes sociais digitais*. Revista Científica Internacional, Edição 24, vol. 1, pp. 01-25. Brasil: Universidade Estadual Norte Fluminense e Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em:

<http://revista.srvroot.com/isp/index.php/isp/article/view/227/224>

Spizzirri, R., Wagner, A., Mosmann, C. & Armani, A. (2012). *Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas*. Psicologia Argumento, v. 30, n. 69, pp. 327-335. Brasil: Curitiba. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23288/22361>

Silva, T. (2016). *Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais*. Brasil: Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/09.pdf>

Stengel, M., Dourado, S., Dias, V., Soares, S., Friche, M., Fraga, J., Locatelli, R. & Santos, L. (2018). *Geração, família e juventude na era virtual*. Psicologia em Revista, 24(2), 424-441. Brasil: Belo Horizonte. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v24n2/v24n2a04.pdf>

Teruel, D. & Bello, M. (2016). *Riesgos y potencialidades de la era digital para la infancia y la adolescencia*. Revista Educación y Humanismo, 18(31), pp. 186-204. Espanha: Universidade de Jaén. Disponível em: https://www.academia.edu/30815518/Riesgos_y_potencialidades_de_la_era_digital_para_la_infancia_y_la_adolescencia

Torres, M. (2020). *A nova dependência do século XXI - Os videojogos: um estudo em contexto escolar*. Portugal: Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/7453/1/Tese%20Final%20Final.pdf>

Tori, R. (2010). *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Senac São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5147288/mod_resource/content/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sem%20Dist%C3%A2ncia.pdf

Thomazini, M. & Goulart, E. (2018). *Relações familiares: a influência do virtual*. Interações n. 48, pp. 49-64. Brasil: Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo. Disponível em: [file:///Users/mariajosebrilhanterosa/Downloads/14182-Texto%20do%20Trabalho-45818-1-10-20180630%20\(15\).pdf](file:///Users/mariajosebrilhanterosa/Downloads/14182-Texto%20do%20Trabalho-45818-1-10-20180630%20(15).pdf)

Vivian, L. (2012). *Pais e filhos e a modernidade tecnológica*. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Curso de Especialização em Mídias na Educação. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95682/000916143.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Winocur, R. (2014). *Conflitos e diferenças geracionais no uso das tecnologias digitais*. *Desidades*, 2, 18-24. Recuperado em 02 de Março de 2022. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/v2/n2a03.pdf>

Anexos

Anexo A

Guião da Entrevista aos Jovens

Perguntas:

- 1 - Utilizas mais o telemóvel ou o computador para aceder às redes sociais? Porquê?
- 2 - Onde é que te sentes mais confortável em casa para o utilizares? Porquê?
- 3 - Tens noção de quanto tempo por dia passas conectado às redes sociais? Se sim, quanto tempo?
- 4 - Conseguirias ficar um dia inteiro sem acesso às redes sociais? Porque?
- 5 - Os teus pais impõe-te limites ou regras para a utilização dos média digitais? Se sim, quais?
- 6 - Quando os teus pais pedem ajuda relativamente a uma dificuldade de utilização dos média digitais ou até mesmo das redes sociais, tu ajudas?
- 7 - Sentes-te mais confortável para partilhar informações e te relacionares com os teus pais no dia a dia ou com os teus amigos através dos média digitais, neste as redes sociais? Porquê?
- 8 - Acreditas que há uma compreensão por parte dos teus pais relativamente à utilização dos média digitais nomeadamente, das redes sociais? Porquê?

Anexo B

Autorização do Responsável

Autorizo o meu filho/a menor de idade, a participar do estudo “Interferência da Tecnologia no Contexto Familiar” realizado pela aluna Maria José Brilhante Rosa no mestrado de Comunicação Aplicada da Universidade Autónoma de Lisboa tendo em conta que será mantido o seu anonimato.

Assinatura do Responsável: